

O Diário de Terror

Ingrid Batista Barros



Há uma lenda, onde existe um diário misterioso onde habita histórias assustadoras. Dizem que quando esse diário aparece uma nova história assustadora pode ocorrer.

Este é para todos os amantes de horror e suspense, principalmente minha prima escritora Sarah Jane e meu irmão Richard David Barros.

Espero que gostem, muito obrigada.

I. B. B.

Sumário

O AMULETO	4
A BONECA	10
FAMINTO.....	16
QUEM É O ASSASINO? (PARTE 01)	21
QUEM É O ASSASINO? (PARTE 02)	26
A CASA.....	33
BONECAS NÃO FALAM	42
AS TREVAS.....	50
ESPERANÇA.	61
FELIZ ANIVERSÁRIO.....	66
A VERDADEIRA FACE DO AMOR.	77

CAPÍTULO 01

O AMULETO

Em um dia de primavera, onde pétalas caíam com um aroma perfumante pelo ar. Lá estava eu, na varanda. Cansada demais para ir à escola ou sair com os amigos, pois é o meu aniversário. Não é porque eu não tinha amigos, mas sim, pelo fato de sempre quando penso em algo meus pais estragam tudo...

- Parabéns Angel, se continuar assim, provavelmente não volta mais. - Falava Agatha com um sorriso cintilante no rosto. No caso, essa é a minha irmã mais velha e na verdade, a única que me entende.

- Obrigada Agatha.

- Ei que cara azeda é essa? Pensei que iria sair com seus amigos.

- Não é que eu não queira, mas...

- Nossos pais não dão uma brecha...? - Respondeu ela me abraçando. Será que ela lia os meus pensamentos? E antes de eu responder ela continuou:

-.... Posso concordar que eles são um pouco bizarros, mas eles fazem de tudo para nos proteger. Talvez, quem sabe, se você passar um pouco com eles. Talvez deem um espaço maior para se divertir.

- Você acha?

- Claro, e também posso dar um empurrãozinho é lógico. - Com um sorriso no rosto, acenei com a cabeça. Talvez agora com 18 anos, eles dão uma chance.

Caminhando para dentro de casa esperançosa, nossos pais já estavam nos esperando nervosos. Não é que eles sejam ruins e nem nada desse tipo, mas tudo começou em uma noite, no dia em que minha irmã fez 18 anos. Parecia que iria ter um ritual, ou sei lá o que era aquilo. Sempre me falaram que eu não podia ver até chegar a hora certa e eu só tinha 10 anos na época. Claro que eu tinha uma leve curiosidade que ansiava em meu peito. Sem contar nos gritos angustiantes ressoando pelo corredor. Depois disso, os meus pais viraram superprotetores e deram tudo que foi estranho para mim. A escola era ida e volta, sem festas, só presentes bizarros como pegador de sonhos, anéis, pulseiras, bonecas sinistras e principalmente um amuleto estranho e feio que fiquei com tanto ódio que quebrei sem pensar duas vezes. Será que algum dia eles vão me tratar como uma garota normal que só quer um celular, fone e roupas melhores?

Entramos na sala de estar, onde as cortinas estavam fechadas. Meus pais começaram a acender algumas velas e minha irmã de imediato começou a trancar as portas? O que realmente vai acontecer? Será que finalmente vou entender o que aconteceu naquela noite?

- Filha, finalmente você chegou a nossa fase adulta. Uma garota crescida sem preocupações. E agora é chegada a hora da purificação. - Disse minha mãe com um sorriso ameaçador em seu rosto. Purificação? Será que acham que sou um demônio ou coisa parecida? Dei um pulo para trás e minha irmã me encurralou. Será que ficaram loucos?

- Traga ela para cá, Agatha! - Disse meu pai segurando um ferro com um símbolo estranho na ponta e está tão quente ao ponto de o ferro ficar vermelho. O que eles vão fazer?

- Agatha o que voc....?

- Irmã, quanto mais rápido for, melhor para se livra deles. Acredita em mim. - Interrompeu Agatha, com as mãos nos meus ombros me empurrando cada vez mais perto dos meus pais.

Não aguentei, virei e empurrei-a com uma força anormal para longe e sem pensar duas vezes, peguei a chave que havia caído e corri para fora de casa. Nós morávamos em uma casa de campo em uma cidadezinha pequena com distância de 6,3 quilômetros da cidade. Demoraria 01 hora e 30 minutos a pé para achar alguma ajudar e para piorar parece que está vindo o carro dos meus pais? Só pode estar de brincadeira! Se eu continuar na pista com certeza o carro me pega. Virei para esquerda e decidir descer a colina pela floresta que com descuido tropecei e rolei morro abaixo. Olhei para minha perna esquerda e estava virada e roxa, com a pele do tornozelo todo rasgado com sangue saindo aos poucos. Possivelmente, talvez tenha quebrado, mas eu não posso ficar parada e não posso gritar, tenho que sair daqui. Rasguei a minha blusa, amarrei no ferimento e tentei me levantar, mas não consegui. A dor era insuportável, lágrimas caíam com gemidos sendo abafados pelas minhas próprias mãos. Sons de passo não muito longe de mim começam a ressoar entre meus ouvidos. Alguém está vindo? Preciso sair daqui nem que seja me arrastando, será que me encontraram? Fechei os meus olhos e com uma voz suave e eletrizante gritou:

- Angélica é você? - Abri os meus olhos lentamente e era meu amigo Josh?

- Josh? Me ajuda por favor! - Gritei desesperada.

- O que aconteceu com a sua perna? Vou ligar para os seus pais e para emergência.

- Não, por favor, eu te imploro. Só me leva embora daqui, por favor! O mais longe possível! - Comecei a chorar, não consegui aguentar. Além da dor e angústia, sinto como se a minha família estivesse querendo me matar.

Ele acenou com a cabeça silenciosamente, chamou o seu amigo Ben e me colocou no banco de trás do carro. Lentamente pegou um kit médico que estava em seu porta-malas que com uma grande sorte tinha comprado alguns remédios. Tomei umas três pílulas com um pouco de água para aquela maldita dor passar. Com certeza, foi a maior sorte por eles estarem bem aqui onde eu... Pera? Sorte? Eu não conversava direito com eles e seria uma ótima coincidência, eles estarem bem aqui festejando com os preparos médicos e...

- Então Angélica, você faz 18 anos hoje né. Parabéns! - Afirmou Ben atrapalhando meus pensamentos.

- Josh? Você... - Estou começando a ficar tonta. A minha visão começou a embasar, o que ele f...

- Angélica...? - Essas foram às últimas palavras que ouvi de Josh, enquanto acabo inconsciente no banco de trás. Lembro delicadamente antes de apagar que ele disse algo com uma expressão de desprezo, enquanto Ben estava com um sorriso estranho, mas o que ele estava querendo dizer?

Abro meus olhos lentamente e sinto meus braços e pernas acorrentadas, mas onde eu estou? Comecei a tentar olhar em volta e parece que estou na sala de estar da minha casa? E o pior, parece que quase todos da cidade estão em volta de mim com capuz segurando uma vela vermelha? Só deve ser um pesadelo:

- Obrigada a todos por virem a grande purificação. Hoje a minha filha completa 18 anos e finalmente seus pecados serão perdoados.

- Vocês estão loucos, me solt...

- Ah pobre menina, se ela tivesse se comportado, não teria que passar por isso. - Interrompeu minha mãe pegando um balde no canto da sala e começou a jogar uma água fervente em meu corpo, principalmente na ferida. Meu corpo se contorcia pela alta temperatura como uma sensação de óleo fervente queimando sua pele lentamente:

- Ahhhhhhhhh! Mãe, o que eu fiz para você?

- Filha, você foi sempre diferente dos outros. Sempre com essa loucura de querer crescer, fugir para bem longe dessa cidade. Jamais deu valor para os nossos presentes, desde os seus primeiros aninhos. Eu já sabia que você estava condenada.



Imagem retirado do anime: Mahou shoujo tokushusen Asuka.

- Mãe o que você está falando? Me solta, por favor! Para de brincadeira. - Tentei explicar, mas todos me ignoravam. A cada vez que eu tentava se soltar jogavam mais água e para piorar meu pai se aproximou com aquele metal com um símbolo de uma cruz e mergulhou na minha barriga.

- Aaaaaaaaahhhhh!!! - Gritei como nunca tinha gritado antes. Dava para ver a minha carne grudada no ferro como um marshmallow derretido em uma fogueira de acampamento e o sangue escorria aglomerando ao chão.

- Irmã todos nós passamos por isso, só aguenta até o final.... Por favor. - Disse Agatha com a cabeça abaixada, chorando baixo, levantando a manga de sua camiseta mostrando o mesmo símbolo da cruz que foi colocado em minha barriga. Olhei ao redor e todos mostraram uma marca diferente em diferentes partes de seus corpos: - Essas marcas são para lembrar dos nossos pecados que são todos colocados para fora no momento da purificação. Essa cidade quem entra nunca deve sair essa é regra minha irmã.

- Existe o mal nessa cidade que apodrece o nosso corpo por dentro, e se deixarmos vai contaminar a todos, por isso devemos punir aos pecadores e mostrar os nossos próprios pecados. - Continuou a nossa mãe.

- Então, há 08 anos, era...?

- Sim irmã, era minha purificação.

- Angélica minha filha, o ritual tem suas regras e o primordial é que as crianças devem ouvir todos gritos e angústia, mas sem ver o terror e você filha foi uma das primeiras crianças a desobedecer a essa regra. Por isso, devemos puni-la por todos os seus pecados - Disse meu pai com o terror nos olhos.

- Não, mãe, por favor, eu já tenho uma merda de marca, isso já não basta? Eu prometo não sair dessa maldita cidade, por favor, mãe. Agatha? Pai? Vocês estão de brincadeira né? Eu não sou tão ruim assim... Eu... - Implorei com todas as minhas forças, lágrimas vazaram em meu rosto e mesmo assim, ninguém me socorreu. Nem mesmo o Josh estava lá.

- Não pai, Nãoooooo aaaaahhhhhh....!!!

E começou. A cada minuto que se passava meu pai pegava um metal quente com um símbolo diferente e encostava na minha pele, fazendo uma marca. Tinha 40 pessoas ao todo naquela sala, tirando as crianças e seus responsáveis que não quiseram participar do show de horrores. É tanta dor que comecei a chorar sangue, mas não durou muito até meus sentidos começaram a desaparecer:

- Quer viver e fazer a sua vingança? - Ouvi uma voz delicada, mas bem fraca. Já não tenho uma visão clara e nem consigo identificar quem seria o dono dessa voz.

Não pensei duas vezes:

- S... Sim...

- Então emprestarei o meu poder. Se sentir algum afeto sugiro não abrir os seus olhos.

Sem muitas forças fechei meus olhos e comecei a senti o meu corpo leve, sem dores. Como se eu estivesse no fundo de um mar tranquilo. Entretanto, comecei a ouvir sons baixos de sofrimento, gritos, ossos se quebrando, pele se rasgando, órgãos se espatifando ao chão e pessoas implorando pelas suas vidas. Até se tornar um silêncio total. Quando abri meus olhos, eu estava de pé sem as amarras. Olhando em volta, todos aqueles que estavam no ritual estavam mortos, com os seus corpos mutilados, principalmente meus pais e o Ben que estavam como um espeto ao lado da lareira. O chão estava como uma posa de sangue e com as minhas mãos cobertas de sangue, já consigo imaginar o que aconteceu, mas havia uma pessoa viva. Diante de mim estava a minha irmã de joelhos implorando pela vida:

- Por favor, irmã, não me mata, eu te amo. Nós, podemos ir embora juntas como você queria, não vou falar nada a ninguém, eu....

- HAHHAHAHAHAHAHAHAHAHA, CONTAR O QUE? TODOS AQUELES MERDAS PAGARAM PELO QUE MERECIAM SENTI UM ALÍVIO. SE EU SOUBESSE QUE MATARIA TODOS TERIA DEIXADO OS MEUS OLHOS ABERTOS.

- Sua voz... Vo... Você não é minha irmã!

- DIZ QUE ME AMA, MAS NÃO CONSEGUE ENXERGA A SUA VERDADEIRA IRMÃ? REALMENTE AGATHA, VOCÊ NÃO PASSA DE UM LIXO COMO OS OUTROS, POLUINDO O AMBIENTE COM SUA LÍNGUA SUJA. QUE HIPOCRICIA, MAS NÃO SE PREOCUPE EU MESMA TE MATAREI COM MUITO ORGULHO.

- NÃÃÃÃÃOOOOOOO!!!

~~NÃO ABUSE DA BONDADE DE ALGUÉM, LEMBRE-SE, EM TODO ANJO UM
DEMÔNIO SE ESCONDE.~~

~~— MUNDO ANIME.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Get Scared - Sarcasm (feat. Craig Mabbitt).

CAPÍTULO 02

A BONECA



Imagem retirado do Pinterest: Tiffany Time.

Uma surpresa me atinge quando abro meu armário escolar:

- Eai, Fani o que houve? Parece que viu um fantasma.

Olhei para o lado, era só minha amiga Giovanna, com os seus cabelos negros e cacheados.

- Alguém colocou uma boneca estranha no meu armário.

- Ela é parecida com você e ainda com a mesma roupa que fofa. - Disse Giovanna com um sorrisinho.

- Quem pensa que é para colocar uma boneca no meu armário? Para me zoar? Acham que eu sou uma criança para brincar de boneca? Estão muito enganados!

- Mesmo assim miga, eu achei fofinho, olha tem uma carta junto.

Virei e tinha um papel que estava escrito **“VAMOS SER AMIGAS? FANI”**, todo rabiscado com caneta preta será que uma criança escreveu isso?

- Que porra é essa?

- Sinistro. Bem, é só jogar fora e fingir que nada aconteceu. Não precisa ficar estressada, miga. - Disse Giovanna tomando-a boneca e o bilhete da minha mão e jogando-o no lixo. Apenas acenei e decidir esquecer aquela situação bizarra.

Vou à sala de ciências com a mente tranquila, parecia que tinha que fazer duplas e antes que eu percebesse só tinha sobrado uma garota sem um par. Alice, a estranha. Comparado a mim que sou a mais bonita e popular do colégio. Essa garota nunca teve ninguém. Sem amigos, isolada, nem se arruma. Sem contar que ninguém sabe de nada sobre a família dela. Dizem que ela mora sozinha, porque todos os seus parentes desapareceram misteriosamente. Com certeza, largaram ela, por ser horrorosa.

Sentei-me ao seu lado e comecei a sentir um ar desconfortável, eu a grande Estherfani fazendo dupla com a estranha, que humilhação:

- Alunos abrem os seus livros na página 333, vamos começar. - Disse a professora.

Olhei para o caderno dela e me veio uma coisa interessante, aquele bilhete que vi hoje de manhã era do mesmo estilo de folha do caderno dela. Estranho, mas não posso dar um chique sem provas. Pelo menos ainda não, mas se for essa vadia, ela vai me pagar por ter entrado no meu caminho.

Passou-se um tempo e pôr fim a hora de ir embora. Cheguei em casa tão cansada que só queria dormir. Abri minha mochila para pegar o meu livro e não acredito no que vi. Estava aquela boneca ridícula com um outro bilhete escrito **“VOCÊ NÃO TEM ESPAÇO PARA TER MAIS UMA AMIGA?”** Que porra é essa? Será que é aquela vaca da Alice? Liguei para a Gih e sendo minha melhor amiga até disse que cuidaria de tudo. Espero que ela acabe com aquela vadia.

No outro dia, com um pouco de receio de abrir o armário. Graças a Gih, não havia, mais nada para me preocupar ou me assustar:

- Eu não falei que cuidaria de tudo? - Disse Giovanna toda animada com um sorriso no rosto confiante.

- Posso saber qual foi seu plano?

- Eu, a Carol e a Julia fomos dar uma palavrinha com ela e pelo jeito.... Eu não vi a cara dela por aqui, hi, hi, hi. - Respondeu Giovanna com uma risadinha sarcástica no final. Estava aliviada, não a suporto e é claro que estragaria minha reputação. Entramos na sala de aula e na última carteira no canto da sala estava ela com o rosto agachado na carteira. Bem feito, ninguém mandou mexer com quem está quieto.

Na hora da saída, fui ao armário guardar algumas coisas, já que me convidaram para uma festa na casa do Ricardo. O garanhão rico e um dos mais bonitos do colégio e como fiquei mais tarde por conta de uma reunião do grêmio, preciso ir correndo me arrumar. Abri rapidamente meu armário e de repente caiu outro bilhete no chão. Será que essa garota não vai desistir? Peguei e abri o bilhete pela curiosidade, mas desta vez está escrito com caneta vermelha estourada como sangue **"NOSSA FANI VOCÊ É TÃO POPULAR. ACHO QUE TENHO QUE ABRIR ESPAÇO PARA SUA NOVA MELHOR AMIGA ENTRAR, NÃO ACHA?"** Que porra é essa? Liguei para Júlia e a Carol, mas elas não atenderam. Será que estão na festa? Realmente essa garota vai fazer algo com as minhas amigas? Nem pensei duas vezes e liguei para a Giovanna:

- Alô?

- ...

- Gih? Ainda bem que você atendeu, pensei que tinha acontecido algo... Gih? - Começo escutar a sua respiração ofegante.

- Gih o que houve onde voc... - A ligação cai e com o meu desespero ligo de volta e...

TRIM! TRIM! TRIM!

É o celular da Giovanna? O som está vindo da sala de ciências? Cada vez que me aproximava da porta meu coração gritava de horror. Lentamente a abrir e lá estava a Giovanna, presa em uma cadeira no centro da sala, desmaiada com sua boca costurada e vários arranhões em seu rosto:

- **OLÁ FANI!**

No canto escuro da sala estava ela. Aquela maldita Alice. Quando eu ia correr para salvar a Giovanna em suas mãos estava aquela mesma boneca que ficava aparecendo nas minhas coisas.

- **ONDE PENSA QUE VAI QUERIDA?** - Disse Alice entortando lentamente a perna direita da boneca.

- Aaaaaaaaah! - De repente caio no chão. Sinto como se alguém estivesse segurando a minha perna e lentamente a virando. O som e a dor forte de meus ossos e a pele rasgando como uma lâmina, dando para ver a extremidade distal da perna. Não conseguia distinguir naquele momento se torci ou apenas quebrei a perna:

- **VAMOS FANI, ME DEIXA BRINCAR UM POUCO COM VOCÊ, HÁ, HÁ, HÁ.**

- O QUE VOCÊ QUER DE MIM SUA PUTA? PARE, POR FAVOR! - Perguntei com lágrimas no rosto.



Imagem retirado da capa de um vídeo no Youtube de maquiagens: Karen Lima Oficial.

- **HUUUUM, BOA PERGUNTA, EU SÓ QUERIA TER UMA AMIGA COMO VOCÊ, MAS A ESTHERFANI É TÃO POPULAR QUE NEM ME DAVA ATENÇÃO. BEM, VAMOS CUIDAR DA SUA AMIGA, PRIMEIRO.** - Terminando a frase, pegou no seu bolso outra boneca parecida com a Giovanna e sussurrou "**ACORDE**". Giovanna abrindo seus olhos começou a se desesperar, mas sua boca costurada não a deixava dizer nenhuma palavra, apenas pequenos gemidos lamentando pela dor.

- **VAMOS ACABAR LOGO COM ISSO.** - E com um movimento das mãos girou-se a cabeça da boneca lentamente. Parecia cena de filme de terror. Jamais pensei que fosse tão agonizante o som de seus ossos se contorcendo, junto ao seu grito histérico abafado de agonia que não demorou a ter um silencio profundo ecoando nos corredores.

- Nããããããoooooooo! Gio... vanna...! O que você quer de mim? Vai me matar também sua piranha? - Gritei.

- AHFFF FANI DEPENDE, VOCÊ QUER TANTO ASSIM MORRER? EU SÓ QUERO UMA AMIGA. ENTÃO... - Enquanto falava pegava a minha boneca, já segurando a mão esquerda dela como se fosse quebrá-la, mas apenas colocou na carteira no canto da sala e continuou:

- ...HUUUM, QUAL ERA MESMO O NOME DAQUELAS DUAS OUTRAS VADIAS? AHFF CAROL E JÚLIA. ELAS NÃO SÃO LINDAS? HÁ, HÁ, HÁ, HÁ. - Tirou-se entre seus bolsos duas outras bonecas com suas bocas costuradas. Uma sem os olhos toda rasgada e a outra decapitada e jogou no chão, onde eu estava.

- Por favor, não me mata.... Eu.... Eu faço qualquer coisa. - Implorei me arrastando e prostrando aos pés dela.

- ENTÃO VAMOS SER MELHORES AMIGAS? AMIGAS PARA TODO O SEMPRE?

- Sim vamos, mas, por favor, n... Não me mata...

- ENTÃO FECHA OS OLHINHOS, MINHA MELHOR AMIGA PARA TODO O SEMPRE.

04 anos depois em uma loja de brinquedos.

- Senhora, que bonecas lindas que você tem. Qual o nome dessa boneca loira?

- É A ESTHERFANI, MAS EU A CHAMO DE FANI, MINHA MELHOR AMIGA.

~~SE AS PESSOAS Soubessem o peso das palavras dariam mais valor
ao silêncio.~~

~~— MICKDOCE330 / PENSADOR.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Melanie Martinez - Dollhouse.

CAPÍTULO 03

FAMINTO



Imagem retirado do Pinterest: Dark circus tent.

"RESPEITÁVEL PÚBLICO, SEJAM BEM-VINDOS AO FANTÁSTICO, O MARAVILHOSO E O INCRÍVEL CIRCO DO FOMINHA"

Holofotes ligados, a plateia se acomodando com risadas para todos os lados. Esse era o circo do Fominha, até alguns anos, após uma notícia chocar a todos:

“Últimas notícias, o famoso circo do Fominha está fechando suas portas. O famoso apresentador Charlie Lopes morreu em um grave incêndio na sua apresentação deste sábado e após esse acidente trágico, todos os funcionários do circo desapareceram misteriosamente. Ainda não sabemos o que realmente aconteceu naquela apresentação e sobre o paradeiro dos outros integrantes. Hoje está completando seus 20 anos sem o precioso circo, mas o que realmente aconteceu com os funcionários? Onde está o famoso palhaço Fominha?

- Filho você vai se atrasar!

Desço as escadas rapidamente ao encontro de meu pai. Era sexta-feira, último dia para as férias e eu e meus amigos estávamos decididos em se aventurar na floresta e descobrir o paradeiro do circo. Meus pais sempre iam quando era pequeno:

- Ei, Pedro! - Gritou Lucas batendo na porta.

- Já vou! - Gritei respondendo quase se engasgando com o cereal.
- Ei rapaz, não se engasgue. Não sei o porquê está tão animado para ir à escola? - Disse meu pai lendo o jornal tomando o seu café.
- Tenho que concordar com seu pai Pedro e o seu cabelo está um trap...
- Terminei, tchau mãe, tchau pai. - Bati a vasilha na mesa e corri para fora antes que meus pais pudessem falar algo insistindo de faltar. Vagamente ouço suas risadas baixas.
- Demorou viu. - Comentou Lucas tirando o meu boné e bagunçando ainda mais o meu cabelo. Eu já sabia que estava na hora da nossa turma começar a busca.

Claro que não seríamos tão exemplares para ir ao último dia de aula. Então, perto da entrada da floresta se reunimos com a minha turminha. O Lucas, meu melhor amigo e companheiro (12 anos), a Carol, a garota mais corajosa e bonita que conheci (13 anos), Carlos, o irmão da Carol e o mais velho da turma (aliás, ele tem 16 anos), e eu o grande líder (13 anos).

- Eai galera, aonde vamos? - Perguntou Carol empolgada.
- Pelo que eu pesquisei o tal circo desapareceu no meio da floresta. - Respondeu o Carlos olhando o seu celular.
- Espero encontrar logo. Estou ficando com fome já. - Disse Lucas dando gargalhadas.

Então, começamos a caminhada, passou-se entre cerca de uma hora, andando e jogando conversa fora, até que:

- Galera, estão escutando isso? - Disse Carlos olhando ao redor endireitando os seus óculos.
- Parece música de circo? - Respondi com desentendimento. A curiosidade e a atração daquela música nos influenciavam a correr em sua direção e a cada passo a música aumentava e um cheiro escaldante de comida penetrava constantemente nossas narinas.
- Gente o circo! - Gritou Lucas correndo em nossa frente.

"VENHAM MINHA GENTE, CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES, O GRANDE ESPETÁCULO JÁ ESTÁ PRESTES A COMEÇAR!"

Corremos com toda a força e entramos. Na entrada da tenda do circo, havia um corredor cercado de luzes, máquinas de algodão doce, pipoca e refrigerante, mas parece estar vazio?

- Pedro vem logo! - Gritou Carol perto da tenda, interrompendo meus pensamentos. Sentamos cada um com algum lanche e o show começou. Era muita diversão com o palhaço Fominha fazendo graças, o mágico com a sua cartola e os gêmeos malabaristas, era incrível. Eu estava tão impressionado que nem comi o meu lanche. Realmente como meus pais diziam, esse circo é fantástico.

Enquanto os meus amigos pareciam doidos só dando risada, decidir ir ao banheiro e procurar o Lucas, já que em meio a apresentação o palhaço chamou-o e não o vimos desde então. Após ir ao banheiro, comecei a ouvir a risada do Lucas por de trás da tenda do circo, dei uma espiadinha para ver e meu coração parou em uma fração de segundo. Deitado no chão se encontrava Lucas, enquanto aquele palhaço comia o seu estômago. Sangue jorrava e escorria entre a pele escura do meu amigo, entretanto o palhaço se divertia a devorando borrando sua maquiagem. Lucas, por mais estranho e desnecessário ria sem parar com lágrimas escorrendo em seus olhos desesperados. E não demorou muito para aquele palhaço me perceber. Virou grotescamente sua cabeça para trás me observando com os intestinos em sua boca e disse:

- **Vamos brincar criança!? HÁ, HÁ, HÁ.**



Imagem retirado em um site de notícias E! Online: Getty Images.

Um desespero ecoou em todo o meu corpo, corri o mais rápido que pude, mas quando eu fui aos assentos ninguém estava.

- SOCORRO! Há, Há, Há. - Carol gritou.

Corri para ver e ela estava presa no alvo de madeira girando junto com os gêmeos malabaristas que estavam jogando facas um para o outro até que:

- Me aju....

Atiraram a faca no meio de sua cabeça. O som se tornou fraco se desvaido de suas risadas, enquanto eles continuaram a atirar facas um em cima do outro

pegando várias partes de seu corpo, até que uma das facas passa de raspão entre o meu rosto. Eles me perceberam? Enxuguei minhas lágrimas e sai correndo agachado entre as cadeiras, será que o Carlos já está morto? Pensei saindo da tenda para a entrada e lá estava o mágico em cima do Marcos lambendo o rosto dele e dizendo:

- Essa sim, é a grande magia que eu estava esperando. Esse cheiro escaldante! Sabe, eu estava esperando tanto para que um jovem como você aparecesse. - Terminando essas palavras, colocou suas mãos no seu pescoço e começou a sufocá-lo.

- Carlos!

- Fu... Ja... - Disse Carlos segurando as mãos do mágico com um sorriso para que ele não fosse atrás de mim, mesmo quase sem ar.

Fechei os olhos e corri o máximo possível pela floresta, não sabia para onde estava indo, só queria sair desse pesadelo. Tropecei em um galho e rolei até cair em um buraco com um cheiro horrível que nunca tinha sentido antes e comecei a chorar. Todos os meus amigos estão mortos e eu não consegui fazer nada. O que eu faço? Para onde eu vou? Coloco minhas mãos no chão e sinto uma consistência úmida como uma poça de água? Entre meu bolso esquerdo pego uma lanterna pequena e ilumino minhas mãos e estão vermelhas? Isso é sangue? Desespero subia e com o susto a lanterna cai entre o chão sujo iluminando uma parte do buraco em que estava vários corpos, restos de ossos e sangue. A ânsia começou a vir à tona junto com leves tonturas pela visão aterrorizante de cai em uma pilha de corpos. O meu corpo não tinha mais uma reação, nem para chorar, gritar ou até mesmo vomitar. Até ser surpreendido com duas mãos cobrindo minha boca e com um sussurro em meu ouvido direito disse:

"VOCÊ NÃO DEVIA ESTAR AQUI, GAROTO."

~~O MUNDO É UM LUGAR MUITO SUJO. É UM SHOW DE HORRORES, DOENTES
E NOJENTOS.~~

~~— AMERICAN HORROR STORY.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Dirty Palm — Freakshow (feat. LexBlaze).

CAPÍTULO 04

QUEM É O ASSASINO? (PARTE 01)



Imagem retirado em um site de wallpaper de anime: Best-Wallpaper.

“Ser um professor, não é mostrar o caminho para os alunos, mas deixar que eles caminhem com seus próprios pés.”

- JOSÉ!?

Levanto meu rosto lentamente, e olho para a porta. É a professora de português, Sabrina gritando desesperada:

- Sabrina, o que houve? - Perguntei sem entender.

- As crianças... elas...

Não perdi tempo. Corri até o refeitório, mas quando me deparei com aquela cena minhas pernas começaram a tremer e meus olhos encheram de lágrimas misturados com um pouco de ânsia. Quase todos os alunos estavam mortos. Sangue saía entre suas narinas e espuma em suas bocas. Choros e gritos de alguns poucos alunos e professores para completar. Era um massacre! E o pior é que sobraram apenas 02 alunos vivos.

- Professor?

Senti alguém puxar o meu casaco, era a Paula uma das minhas alunas mais espertas. Agachei-me e acariciei os seus cabelos castanhos e abri um sorriso para não a preocupar. Ela estava sem entender o que estava havendo, sem choro, apenas confusa:

- José, as portas estão todas trancadas e não a sinal da faxineira e nem do zelador.
- Disse o professor Antônio de história.

- Aaaaaaaaahhhhh! - De repente um grito surge ao corredor interrompendo nossos pensamentos. Era apenas mais duas alunas aterrorizadas que saíam correndo do banheiro. Fico aliviado que temos mais dois alunos vivos mediante a situação. Sendo agora 04 sobreviventes.

Entramos no banheiro lentamente, luzes piscando com sangue escorrendo no chão de uma das cabines misturando com um cheiro ameaçador. Abrindo a porta uma outra visão de horror percorre em nossos olhos. A Faxineira, com sua barriga aberta e seus olhos arrancados. Minhas mãos ficaram trêmulas com o suor frio percorrendo meu pescoço, fazendo-me engolir seco. Aquela situação em comparação ao Antônio que começou a vomitar na cabine ao lado. Ao mesmo tempo, o professor de matemática Rafael, meu amigo e companheiro, veio dizendo que o zelador estava na mesma situação no banheiro masculino e nada das chaves. Como nossa escola é fora da cidade não possuímos sinal e justamente hoje estávamos sem linha telefônica e o diretor de férias:

- Então, temos um assassino aqui dentro. - Afirmou Rafael desconfiado andando pelo corredor.

- O que está dizendo? - Perguntou Sabrina.

- Bem, aqui não é o melhor lugar para conversarmos vamos todos para sala de aula. - Respondeu Rafael, e assim foi. Após fechar a porta e continuou:

- Então, quem de vocês é o assassino?

- Que absurdo! - Disse Sabrina.

- O que está insinuando? - Perguntou Antônio.

- O que você acabou de ouvir. Vamos usar a lógica. Todas as entradas e saídas trancadas, justamente hoje, onde muitos professores e alunos não vieram. Além de que, não temos mais como nos comunicar com a polícia. Estamos sem sinal, sem internet e o telefone da secretaria cortada. Acha mesmo que uma pessoa normal ousaria nos trancar aqui? Deve ser alguém que já conviveu ou trabalha conosco para saber cada horário e funcionário da escola. Aliás só alguém com intenções pessoais trancaria nós aqui dentro esperando o próximo passo.

- E quem garante que não é você o matemático de merda? - Perguntou retoricamente Antônio e se levantou com um olhar desconfiado. Não demorou muito até todos os professores se levantarem na discussão. As crianças assustadas e eu ali em silêncio não aguentando até Paula puxar meu casaco de novo com lágrimas escorrendo no rosto:

- Chega!! Vocês vão acabar se matando assim. Essa briga não nos leva a nada. - Gritei.

- Finalmente José abriu a boca. Eu sempre ouvir falar que assassinos são quietos e calculistas. Apesar, que você não precisa ler um jornal para saber nossa situação. - Disse Rafael com tom de sarcasmo.

- Vocês não pararam para pensar no porquê de tudo isso? - Perguntei ignorando-o.

- Aonde você quer chegar? - Perguntou o Antônio.

- Primeiro por que as crianças? Do que realmente eles morreram?

- E isso importa? - Rafael pergunta ainda desconfiado.

- Claro, talvez fosse para a gente ter morrido junto com as crianças e sabendo disso poderemos saber o plano desse assassino.

- Então, vamos brincar de detetive? Eu não quero morrer hoje, só porque você quer entender o que passa na cabeça desse assassino.

- Tem uma ideia melhor, Rafa? E como você disse talvez ele esteja entre nós ou escondido, por isso vamos todos juntos. Poderemos nos proteger e tirar nossas próprias conclusões.

- Ele tem razão! - Afirmou Sabrina.

- Ok, tanto faz. Só espero que isso nos ajude em algo. - Disse Rafael não tendo escolha, mas ele estava certo, mesmo descobrindo o motivo da morte das crianças, não iremos achar o assassino tão fácil.

Caminhando lentamente pelo corredor para o refeitório comecei a pensar nos sobreviventes. Pelo que estou vendo só restaram 06 professores, 04 alunos e a coordenadora. Até um sussurro baixo entre meus ouvidos, interrompe meu raciocínio. Era a professora de artes, a Karla. Na verdade, fiquei surpresa por ela estar viva, sempre quietinha e calma, mas vivia com um sorriso alegrando os alunos. Hoje sendo a primeira vez que a vejo naquele estado. Pálida, olhos um pouco inchados por conta das lágrimas, porém fico feliz que ela e sua filha estão vivas:

- Ah o que foi Karla? - Perguntei.

- Por que, você decidiu ver como os alunos morreram no refeitório? Ver aquela cena de novo é tão... - Calou-se olhando para baixo, segurando firmemente as mãos de sua filha.

- Porque, ... - Respirei fundo e continuei. -... Como professor, temos a responsabilidade de cuidar dos alunos, guiar eles no caminho certo e... Não quero morrer sem pelo menos saber o motivo deles terem sido assassinados, mas não comente com o Rafael.

- Você não acha que o Rafael foi...?

- Nem pensar. Mesmo ele sendo cabeça dura. Ele amava essas crianças. Sendo sincero, é mais fácil ele se matar do que matar alguém. - Respondi com um sorriso

no rosto, interrompendo completamente a Karla, onde em seu rosto descreveu surpresa e com um sorriso voltou a olhar para sua filha.

Ao entrarmos no refeitório, por conta das crianças, decidimos que a Karla, a Sabrina e a coordenadora Maya ficassem na entrada distraindo as crianças e também como vigia.

- Então José? - Disse Antônio.

- Bem eu tenho uma sugestão... - Disse Bruno todo sério. Bruno era o professor de educação física e continuou:

-... Bom, talvez seja veneno, pela espuma da boca e vocês não comeram nada do refeitório, não é? - Ele tem razão, todos nós tivemos motivos para não comer, seja trazendo o próprio almoço, ou pelo próprio destino de não querer comer.

- Se quiserem posso dar uma analisada no laboratório para confirmar essa sua teoria. - Disse Antônio e todos concordaram,

- Tem certeza? Talvez eu seja o melhor para ir já que dou aula de biologia. - Perguntei.

- José, acho que ele está dando desculpa para ir sozinho, não é? - Questionou Rafael.

- Vocês sabem que também me formei em ciências e além disso...

- Bem eu posso ir. - Respondeu Karla, interrompendo Antônio em sua defesa com uma voz baixa e com a mão trêmula para o alto.

- Mamãe...?

- Eu vou ficar bem filha o tio José, vai cuidar de você.

- Se é assim eu também vou. Se um de nós não voltar, vamos saber quem é o assassino. - Disse Maya, a coordenadora. Então, decidimos. Karla, Maya e Antônio foram ao laboratório enquanto eu e os outros voltamos à sala de aula mais próxima do refeitório. Mesmo eu não concordando que a Karla fosse. Eu não podia dizer não, principalmente pela confiança de deixar sua filha comigo.

Quando entramos o Rafael olhou para mim sério e pediu para a Paula ficar com as outras crianças, a Sabrina e o Bruno:

- Olha José, me desculpa tá.

- O que?

- É que.... Eu só.... Não quero morrer. Me desculpa. - Rafael abaixou a cabeça. Ele estava realmente sendo sincero. Eu e o Rafael somos amigos desde o fundamental e se formamos juntos com uma alegria constante e o destino nos uniu novamente para a mesma unidade escolar, ele é como um irmão para mim:

- Eu aceito suas desculpas. - Afirmei abrindo um sorriso.

- Professor eu posso ir ao banheiro? - Disse Paula interrompendo um pouco o nosso momento de amizade.

- Sim é cl...

- Deixa que eu a levo. - Respondeu Sabrina interrompendo as minhas palavras.

- Mas...

- Uma hora tenho que ser forte né. Eu vou ficar bem. Além disso, a Alice também está com vontade. - Disse ela com convicção mesmo com as suas mãos tremendo de medo, apontando para garota escondida atrás dela. Então Bruno o acompanhou. Era só eu e o Rafael cuidando dos dois últimos alunos Rebeca e Ricardo até que...

... BANG... BANG... BANG...

Sons de disparos foram ouvidos pelos corredores. Nem perdemos tempo, agachei junto com os dois alunos, para não fazer barulho. Um silêncio apareceu e pedi para as crianças apavoradas se esconderem entre os armários. Rafael insistiu para que eu ficasse com eles, porém eu não podia deixar de saber se a Paula e a Karla estavam vivas. Lentamente fomos até o banheiro e na entrada estava a Sabrina e o Bruno caídos com tiros, um na cabeça e o outro com um tiro na panturrilha da perna direita e o outro na nuca. De repente ouvimos um choro dentro do banheiro, entramos e estava no chão a Alice morta com uma faca de cozinha encravada em seu peito e entre uma das cabines estava a Paula com alguns cortes entre suas pernas e braço esquerdo.

- O que aconteceu aqui? - Diz Antônio chegando junto com a Karla e Maya desesperados pelo barulho.

- Meu Deus. - Disse Maya com ânsia de vômito correndo ao canto antes de causar uma má impressão pela sua atitude nojenta.

- Mamãe? - Gritou Paula correndo aos braços da Karla chorando aflita.

- Filha meu amor. Graças a Deus você está bem. - Chorou Karla acariciando seus cabelos castanhos.

- Foi você, não é Antônio? - Acusa Rafael.

- Calma Rafael. - Respondi colocando a mão em seu ombro.

- Me acalmar? José, você está de brincadeira? Mais três pessoas acabaram de morrer na sua frente e ainda quer manter a calma? Os únicos que estavam fora seria você Antônio, além da Maya e a Karla.

Realmente não tinha como se acalmar. Eu sabia que o Rafael estava sofrendo com tudo aquilo e mesmo que eu queira ajuda. O Antônio, a Karla e a Maya não estavam com a gente na sala. Poderia ser um dos três, mas quem?

CAPÍTULO 05

QUEM É O ASSASSINO? (PARTE 02)

- Eu não sou o assassino, eu estava com as meninas. - Disse Antônio.
- Só pode ser mentira! - Contradiz Rafael, indo para cima contra Antônio.
- E quem garante que não seja você o assassino. - Os dois estavam quase indo no soco por conta desta discursão, enquanto Karla chorava e tampava os ouvidos da Paula.
- Parem já com isso! Olhem o nosso estado, a gente não devia discutir e sim, nos unir, somos o que restou da escola. - Disse Maya parando os dois rapazes.
- Porque não perguntamos para a Paulinha, ela era a única que foi atacada pelo assassino. - Continuou Rafael, ainda nervoso.
- Rafael, você não é o único sofrendo pela morte dos nossos amigos e alunos... E olha o estado dela. Ela é só uma criança. A minha filha não tem a obrigação de responder você! - Gritou com lágrimas nos olhos, Karla.
- Então quem é o assassino? Então será que.... Não somos os únicos vivos nessa escola? - Um silêncio surgiu em torno dos corredores apenas os choros baixos da Karla e sua filha foram ouvidos e antes de alguém responder aquela grande pergunta, uma bomba de gás foi jogada pelo corredor.
- Correm! - Gritou Antônio.
- Vamos para a sala de aula, a Rebeca e o Ricardo estão lá! - Gritei pegando a mão da Karla e sai correndo. A fumaça está muito densa, mas se for o que estou pensando a gente não vai aguentar muito tempo e precisamos tirar as crianças da sala. Rafael não perdeu tempo e disparou na frente para ver se conseguia resgatá-los. Ao mesmo tempo que corria junto com a Karla, Paula acaba escorregando e soltando a mão de sua mãe.
- Paula! - Gritou Karla com desespero e Antônio correu para socorrê-la, entrando no meio da fumaça, mas...
- ... BANG... BANG...

Tiros foram ouvidos pela fumaça e uma das balas atingiu as costas de Maya caindo no chão. Não tem mais como salvá-los, se ficarmos vamos morrer. Segurei a Karla e subimos para o segundo andar ouvindo o chamado do Rafael para a sala de música. Tentei consolá-la, mas tínhamos que ficar em silêncio para o assassino não

nos encontrar. Mesmo assim a sua tristeza de perder sua filha e sem puder fazer nada para ajudar, iria marcá-la para o resto de sua vida. Sem nenhuma palavra Karla foi direto com as crianças tampando seus ouvidos e chorando:

- José... - Cochichou Rafael.

- O que foi, Rafa?

- Se eu tivesse acreditado nele, talvez ele, talvez eles ainda... - Olhei em seus olhos que estava totalmente destruído.

- Rafa, você não teve culpa...

- Mas eu não pude fazer nada.

- Mas talvez você possa fazer algo por eles, pela Karla e por mim. Além disso, você precisa ficar vivo para seu casamento não?

- Fala do meu casamento, mas nem para dizer para a Karla o que sente em um momento em que a qualquer segundo poderemos morrer. - Disse Rafael com um sorriso no rosto, tentando desconstrair sua aflição.

- Ei estamos falando de você e não de mim. Seu idiota. - Respondi um pouco vermelho, com um sorriso.

- Bom, está decidido se esse vagabundo aparecer aqui eu o mato, enquanto isso Karla e José se escondem com as crianças embaixo das mesas perto do piano e se proteja, ok. - Respondeu Rafael com sua voz um pouco alta com um sorriso, levantando-se e pegou dois arcos de violino e ficou do lado da porta. Não pensei duas vezes peguei o violão que estava no chão e me juntei a ele:

- O que você está pensando em fazer? Idiota, vai se esconder!

- Não era você que queria tanto viver e agora banca o herói? Eu disse que estaria do seu lado e vou fazer isso. Além disso, eu vou ser seu padrinho então não reclame.

- Você é burro como sempre e ainda pega um violão há, há, há. - Terminando a conversa, olhei para trás e com a confirmação de Karla, correu diretamente para trás e disse para as duas crianças entrarem no armário. Olhei para o Rafael e ele estava com aquele sorriso corajoso, mas conseguia sentir o desespero com suas mãos um pouco tremulas segurando o instrumento.

O silêncio apareceu novamente. Quando escutamos algo rolando e encostando-se à porta. Será uma bomb...? Uma explosão interrompeu qualquer ato dos meus pensamentos. Rafael e eu fomos jogados pelo impulso da pequena bomba, comecei a ficar zozinho e a visão embaçada:

- Karla...?

Abro meus olhos. Estou preso em uma cadeira e ao meu lado estava o Rafael e as outras duas crianças com panos em suas bocas se mexendo desesperadamente. O que está havendo? Abriu-se a porta e uma luz forte se ergueu sobre meu rosto:

- Quem está aí? - Perguntei, enquanto minha tentara avista naquela luz.
- Nunca pensei que você doeria tanto problema assim. - Essa voz, é o diretor Joel?
- Você não estava...
- Morto ou de férias? - Me interrompeu: - Eu diria que estou mais vivo do que nunca. Claro que se eu aparecesse vivo, vocês iriam me acusar, sem contar que seria mais difícil de matar vocês, há, há, há.
- Seu canalha! - Rafael gritou, se debatendo na cadeira, acabando de acordar.
- Ah, caro professor Rafael. Um dos meus melhores professores, realmente sabia que você tentaria alguma coisa. Vive sempre desconfiado, mas você José realmente, fiquei surpreso pelas atitudes que tomou. Meus parabéns.
- Por quê? - Perguntei.
- Ora, porque não pergunta para aquele que realmente sujou suas mãos. - Virei e não acreditei... Era a Karla se aproximando junto com a Paula.
- A professora de artes Karla ou quer dizer, Marianna Cruz, olhando sua ficha como assassina de aluguel. Graças a ela, pude acabar com a minha dor de cabeça.
- Karla? - Perguntei. Entretanto ela vira seu rosto para o lado oposto.
- Sua vaca! - Se debateu Rafael. Enquanto ela de cabeça baixa tirou dentre seu bolso uma pistola e apontou na cabeça do diretor:
- Ei, onde está mirando essa arma, sua ridícula. - Som da trava de segurança.
- Eu te paguei, para quê hein? Ou quer sua filha morta? Acabe logo com isso, sua filha da p...

... BANG

Ela atirou bem no olho direito do diretor com uma expressão de nojo em seu rosto:

- Agora você nunca mais vai encostar os dedos na minha filha de novo! Seu porco!
- Com uma respiração virou-se apontando a arma para o Rafael e depois para mim:
 - Você quer viver e você quer saber a verdade. Ok vou realizar seus pedidos pelos velhos tempos. Pode perguntar José ainda temos uma hora.
- Karla? Então você é mesmo a...
- Marianne Cruz a assassina de aluguel que matava ricos e milionários. A famosa em não deixar rastros, infelizmente.
- Mas era para você estar.... Morta! Sua... - Afirmou Rafael sério.
- Bem, o único jeito de parar esse tipo de trabalho sem ser morta ou presa, é forjando a própria morte. E depois de um tempo, tentando viver uma vida "normal" percebi, que as pessoas só traem as outras e mesmo tentando fugir do meu

passado, ele sempre retorna... Como no caso do nascimento da minha filha. Foi ela que me fez mudar...

- Mas, por que ele queria matar a todos? Por que você fez isso...? - Perguntei, mas eu estava tão aflito com essa história que nem coragem de olhar para Karla, quer dizer, Marianna eu pude.

- Ele que me obrigou a fazer isso, não tive escolha... - Respirou fundo e continuou: - Ele é um pedófilo doente. Ele tinha fotos de todos os alunos nos vestiários e guardava no cofre em sua sala. Ele se faz de santo, mas ele é uma das piores pessoas. Depois dos boatos investiguei e com um descuido meu o diretor soube do meu passado e minha filha estava em suas mãos. Se eu chamasse a polícia eles iriam me investigar também. Se eu saísse da escola ele iria expor minha verdadeira identidade e se eu não fizesse nada ele poderia abusar e...

- Aquele canalha. - Disse Rafael virando o seu rosto para baixo.

- Mas se ele queria matar todos então, por que ele...?

- Fizemos um acordo, em troca de eu assassinar a todos ele nos deixaria livre. E tentei fazer o possível, pedi a ele para que mandasse a maioria de professores para casa por causa das férias e muitos alunos fizeram o mesmo, mas vocês são insistentes e não me ouviram. E aquele filho da puta, no momento daquela fumaça onde minha filha acabou soltando a minha mão e o Antônio foi atrás, o diretor, aproveitou a chance para esfregar em minha filha, ainda bem que a Paula conseguiu se esconder.

- Então é por isso que.... Você disse para não vir. - Disse lembrando ontem em uma tarde, onde estávamos com sorrisos bobos falando das crianças até a Karla fazer esse comentário. E em vez de ouvir, tanto eu como o Rafael, ignoramos e viemos.

- E agora? O que vai fazer com a gente? - Perguntou Rafael.

- Vai depender de você, Rafa. Eu sei que você tem uma mulher maravilhosa te esperando, mas fico pensando.... Se vale a pena soltar todos. Então... - Aproximou-se entre o ouvido direito de Rafael e sussurrou:

- Faça sua escolha, seu melhor amigo, ou seus dois pobres alunos? Rebeca e Ricardo. - Lágrimas escorreram em seu rosto e ranger de dentes foram ouvidos. O que ela falou para ele?

- Por que...? - Perguntou e ela com lágrimas, negando-a. Eu já sabia o que se tratava, mesmo sem se manifestarem. Provavelmente, era entre priorizar os alunos ou a mim e ele estava preste a fazer uma escolha que mudaria sua vida:

- Rafa escolhe as crianças, não ligue para mim.

- Mas José você...?

- Ser um professor é mostrar o caminho para os alunos, mas deixar que eles caminhem com seus próprios pés. Eu sempre coloquei isso em minha cabeça. Nós

professores nascemos para ajudar as crianças mesmo que tomamos escolhas difíceis temos que dar o exemplo. E para mim, não ligo de me sacrificar por eles.

- José, você foi meu único amigo que sempre esteve ao meu lado, eu não sei...

- Você tem um minuto Rafael. - Disse Marianna.

- Rafael escolhe as crianças, por favor.

- Eu não posso fazer isso, tem que ter outro jeito.

- Não tem outro jeito.... Infelizmente não serei o seu padrinho, mas você também tem que pensar na família dessas crianças! Obrigada por tudo e Marianna se essa é minhas últimas palavras... - Comecei a me expressar, enquanto Marianna apontava a arma em minha cabeça.

- Queria dizer que mesmo com essas atrocidades, eu sempre te amei e guardarei isso em meu coração. - Olhei para ela com um sorriso no rosto e lágrimas brotando como riacho em meus olhos.

- José... eu.... Se esse será o seu fim, acho melhor colocar seus óculos. - Disse Marianna com um sorriso e lágrimas com suas mãos que começaram a tremer pegando em seu bolso meus óculos e colocando em meu rosto que em meia confusão, acabei nem percebendo que estava sem eles: - Eu também te amo... Adeus. - Continuou ela mirando a arma em minha cabeça, com receio de atirar, mas já estou feliz, pois meu amor foi correspondido e soube que ela não fez tudo isso por mal.



Imagem retirado do anime: Shingeki no Kyoujin.

- Nãoooooooooo! Eu escolho o José!

BANG...

Abro meus olhos lentamente, ainda estava vivo? Mas por quê? Olhei para o lado na porta da sala e estava a Paula com um sorriso.

- Eu sabia que você ia fazer a escolha certa. - Terminando essas palavras, Paula se aproximou dos dois alunos e com uma faca.

- Paula não! - Gritei enquanto o Rafael apenas virou o rosto.

- Eu prometo que não vai doer nada. - Disse ela com um sorriso. O grito histérico das crianças sufocado entre os panos, se esvaindo, durante o movimento da faca passando entre suas gargantas. Depois daquela terrível visão com as mãos e a faca suja do sangue, cortou as nossas amarras. Então, no banheiro, a própria Paula, uma simples criança conseguiu matar dois de seus professores e uma aluna? Ajoelhei pelo desespero e uma das minhas mãos tampou minha boca com aquela sensação de querer vomitar:

- E agora, vai nos matar também? - Perguntei.

- José, mesmo com nossas atitudes. A garota que trabalhou com vocês nessa escola continua sendo a mesma e sou uma pessoa de palavra. Espero que vocês cumpram e fiquem em silêncio de agora em diante. Lembrando que sei onde vocês moram.... As armas e o veneno estão tudo nessa sala do diretor dentro do cofre onde tem aquelas fotos ridículas. Então, essas provas vão ser a favor de vocês e o verdadeiro culpado será o diretor. Com isso, deixarei os dois livres em troca do silêncio.

- E você? - Perguntei. Enquanto ela jogou as chaves para o Rafael que também estava ajoelhado e com apenas um sorriso segurou os braços de sua filha e desapareceu.

~~QUANDO FAZEMOS UMA ESCOLHA, QUALQUER ESCOLHA, ESTAMOS
DIZENDO SIM PARA UM LADO E DIZENDO NÃO PARA O OUTRO. ENTÃO,
ALGUM SOFRIMENTO SEMPRE VAI HAVER.~~

~~MARTHA MEDEIROS.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Twenty one Pilots - Heathens (from Suicide Squad
The Album).

CAPÍTULO 06

A CASA



Imagem retirado do pinterest.

Em uma noite escura, me perco em meus pensamentos enquanto atravessamos a última casa do bairro. Sinto arrepios só de pensar nela. Os vizinhos sempre têm uma história diferente sobre aquela casa, mas todas têm algo em comum, “amaldiçoada”. Então, eu e meus amigos decidimos ver se era realmente verdade e me arrependo amargamente.

- Paulo, vamos logo! - Gritou Ingrid animada. Retomei a minha consciência e pulei o muro da grande casa. Ela era enorme, a cor parecia desgastada pelo abandono, mas pela escuridão da noite não dava para enxergar ao certo.

Entramos naquela mansão e é mais imenso e rústica do que lá fora. Não tinha ninguém morando a anos, e depois da história de que seus antigos moradores morreram. Essa casa virou uma história da vila:

- Pessoal. Pelo que ouvimos os moradores morreram em alguns cômodos dessa casa então, vamos para nossa diversão e achar logo o que procuramos. - Disse Gileade empolgado. O objetivo é encontrar algo que comprova a tal história e a maldição dessa casa. Apesar de não concordar e ter vindo obrigado. Para acabar

rápido, decidimos se separar com um sorteio para investigar a casa. Eu peguei o primeiro quarto, a Ingrid o banheiro ao lado, Gileade com o escritório, o Gabriel na cozinha e a Ana o porão.

03:07

Gabriel

Graças a esse sorteio fiquei com a cozinha. O meu lugar favorito, pior que me deu uma fome. Será que tem algo para comer aqui? Bom, melhor eu manter o foco. Se eu me lembro, minha vizinha me contou de algo sinistro que aconteceu na cozinha. Dizia que a última moradora morreu aqui, enquanto estava tomando o seu café da manhã e não teve alguma prova que foi envenenamento. Abri lentamente a porta. O ranger e o som alto da porta se movendo ressoou entre meus ouvidos, mas que cheiro gostoso? Será que ainda tem energia aqui? De repente, após entrar no cômodo a porta se fechou e antes que eu tentasse encontrar o interruptor a luz, as lâmpadas se acenderam. A cozinha estava bonita como se fosse nova e havia uma mesa enorme cheia de comida principalmente as minhas preferidas: Lasanha, bolo imenso de chocolate, sorvete, estrogonofe de frango, pizza, cachorro-quente... Era incrível, mas será que é um sonho? O cheiro saciava minha alma intensamente sendo quase descontrolado. Com meu dedo indicador passei no bolo para ver se não era um sonho e realmente aquilo é real e está gostoso:

- Não vai fazer mal, se eu comer um pouco, antes de procurar alguém. - Falei sussurrando, larguei minha lanterna, me assentei e comecei a comer. Vou aproveitar o máximo aqui!

03:08

Ana

Para chegar aqui foi uma chatice. A Ingrid ficava sempre perto do Gileade e eu tenho que ficar nesse porão sujo cheio de teias de aranha. Que injustiça.

A Ingrid é sempre a centro das atenções, a amiga de todos. Divertida, amorosa, mas se não fosse por mim, ela nem teria um grupo ou melhor, nem estaríamos aqui. Se eu fosse ela, seria a melhor e talvez tivesse um pouco mais de atenção. Abri a porta e apertei o interruptor, onde acendeu as luzes iluminando a escada e todo o local. É um espaço pequeno, cheio de caixas e no centro parece ter um espelho, mas está coberto com um pano branco, por que esconder um espelho sendo aquele que mostra a nossa beleza? Sem excitar, puxei o pano com um pouco de pó sobrevoando entre meu rosto.

Aproximando-me, pisquei várias vezes, pois não acreditava no que o espelho me mostrava. Eu me olhava, mas não era eu, era a Ingrid. Será que estou sonhando ou é uma brincadeira doentia? Bem, mesmo com esse corpo talvez com esse visual eles... “Abre as caixas” essa frase apareceu em meus pensamentos e uma atração de abrir as caixas aumentava. Havia roupas de vários modelos e tamanhos até aparecer um vestido branco com pedras vermelhas que está em ótimo estado e tem um cheiro doce como se estivesse limpa:

- Os meninos vão amar você com esse vestido. - Uma voz como um sussurro ressoou entre meus ouvidos ao me admirar no espelho.

- Eles vão? - Perguntei sem dar atenção a minha volta e de quem é o dono dessa voz e continuei: - Você tem razão. Agora sou a garota que todos adoram pelo seu jeitinho patético, o que mais preciso?

- Do seu homem, não? Mas do que adianta se ela está viva. Em quem vão acreditar?

- Vão acreditar em mim! - Respondi, avistando uma faca de cozinha entre algumas caixas: - Eu vou dar o amor que ele precisa.

03:06

Gileade

Entro no grande escritório, estava sujo e bem empoeirado, mas até que fazia sentido. Uma casa de 60 anos e todos os seus moradores morreram ou desistiram de morar nessa casa, porém francamente, ser amaldiçoada? Duvido, não consigo nem acreditar nessa bobagem. Observando ao meu redor, nessa sala possuem armários e estantes cheios de livros, mesmo empoeirados, são interessantes.

Com um toquei no livro, uma gaveta se abre da escrivaninha, me virei rapidamente, mas não havia ninguém. Então, cuidadosamente me aproximei daquela gaveta e não acreditava no que nele havia. Uma porção de joias e pedras preciosas com isso, eu poderia ser rico. Há, há, há.

Aaaaaaaaahhhhhh!!!

Um som de um grito atrapalhou meus pensamentos gananciosos. Será que era a Ingrid? Coloquei logo algumas joias no bolso e corri para o banheiro do andar de cima, onde ela deveria estar.

03:08

Paulo

Não acredito que fiquei com o quarto, na verdade não acredito que entrei nessa casa.

- Paulo, você já está com medo? - Perguntou Ingrid. Interrompendo os meus pensamentos. Na verdade, tinha esquecido que ela estava ao meu lado, durante nossa subida para o segundo andar.

- Bem, não é que estou com medo, mas não queria vir aqui.

- Você que ama terror e falava sobre o mistério da casa e agora...

- Vai me dizer que também não está com medo?

- Claro que estou, por que você acha que te chamei? Eu estava com dúvida de vir, mas com a minha pesquisa, não é assombrada, certeza.

- Você fala isso, mas você veio por conta do Gileade. - Afirmei parando em frente a uma das portas no corredor do andar de cima.

- Para de ser bobo.... Hoje o foco não é garotos e sim, sobre essa casa tá? Olha nem vamos ficar muito tempo aqui. Vamos vasculhar para ver se encontra alguma coisa a respeito da herança que deixaram os antigos moradores loucos, provar que não tem maldição nenhuma e depois vamos à pizzaria, okay? - Disse Ingrid mudando de assunto com seu rosto avermelhado. Acenei com a cabeça, mas ainda assim, tenho uma sensação de que foi uma péssima ideia. Bom, só vim pela pizza de graça.

Ao entrar no quarto não estava sujo nem velho, parecia novo, até as luzes estavam funcionando. É um quarto bem escuro com tons preto e violeta, estilo de princesa. Até que não era tão ruim, pensei.... Até ser surpreendido com a porta se fechando. Tentei bater, mas nada aconteceu. Como a Ingrid não está me ouvindo? Uma musiquinha estranha lembrando uma caixinha de música começa a tocar. Além da música estranha, não tinha percebido que nesse quarto tem muitas bonecas e eu odeio bonecas... Luzes a piscar, música tocando cada vez mais devagar e sinto algo entre minha perna direita. **UMA PORRA DE UMA BONECA???** Chutei para a longe e fui ao canto do quarto e várias bonecas começaram a se aproximar arrastando-se. Fechei meus olhos pelo terror e entre os meus ouvidos uma voz sinistra sussurrou **"P-A-U-L-O"**.



Imagem retirado do anime: Gourmet Girl Graffiti.

- Aaaaaaaaahhhhhhhh!!!

Esse gritou é da Ingrid? Levantei a minha cabeça e a porta se abriu. O quarto que tinha visto minutos atrás não era o mesmo, estava todo velho, cheio de teias de aranha e com algumas bonecas no chão. Sai correndo de lá e me encontro com o Gileade:

- Paulo? O que houve? Cadê a Ingrid? - Perguntou Gileade. Verdade, aquele grito...

- Há, há, há!

- Para, por favor!

Corremos sem parar ao ouvir do corredor as vozes. Seguindo os sons até o último quarto e aquela imagem me paralisou completamente.

03:07

Ingrid

- Para de ser bobo.... Hoje o foco não é garotos e sim sobre essa casa tá? Olha nem vamos ficar muito tempo aqui. Vamos vasculhar para ver se encontra alguma coisa a respeito da herança que deixaram os antigos moradores loucos, provar que não tem maldição nenhuma e depois vamos à pizzaria, okay. - Respondi com um sorriso constrangedor. Realmente, não consigo esconder e o Paulo sabe disso. Eu não vim para procurar coisas paranormais ou até pela pizza, mas sim, por um único garoto e esse fato é algo que quero ignorar. Pelo menos até eu sair daqui.

Andei um pouco distante do Paulo em direção ao banheiro e antes de eu entrar olhei atentamente para ver se ele realmente entrou mesmo ao quarto. Só para ter certeza. Abri a porta e escutei uma batida forte de uma porta se fechando. Acho que foi o Paulo para me assustar. Um cheiro horrível começou a penetrar no meu nariz, porém eu nunca tinha sentido esse cheiro e a única coisa que havia de estranho nesse banheiro é a própria banheira. Minhas mãos começaram a tremer, mas minha curiosidade está a mil. Respirei fundo e puxei a cortina. Duas pessoas mortas acompanhadas pela mistura de água e sangue. Uma mãe e uma criança. A mãe de costa protegendo o filho com marcas de facadas e a criança sendo afogada pelo peso de sua mãe. Minhas pernas não aguentaram aquela cena me fazendo cair, comecei a rastejar para trás com uma das mãos trêmulas tampando minha boca acompanhada por lágrimas, até... Paulo? Alguém? Tentei me levantar e quando consegui...

- Aaaaaaaaahhhhhhhh!!! - Gritei enquanto sinto algo me puxando a ponto de voar para fora do banheiro para o final do corredor em outro quarto e fechou a porta. Levantei-me e olhei em volta, mesmo com a escuridão, ainda tinha a luz da lua pela frecha da janela iluminando um pouco. Tentei procurar a minha lanterna e quando finalmente consegui achar iluminei. O quarto estava todo sujo, cheio de poeira e aranhas. Até que no canto ao lado da janela tinha uma cadeira de balanço com um esqueleto só que ele estava segurando algo, um envelope? Me aproximei e peguei, era antigo e dentro um testamento dos últimos moradores. Realmente, estava certa, mas não imaginava que os moradores se matariam por ganância. De repente

escutei a porta se abrir, fiquei com medo, mas era apenas a Ana, será que só ela conseguiu ouvir o meu grito?

- Aí Ana não me assuste, desse jeito viu. - Mas algo estava estranho, aquela sensação ruim estava aumentando, mas por quê?

- Ingrid posso te fazer uma pergunta? - Perguntou Ana fechando lentamente a porta.

- O que foi? Espero que seja rápido, pois é melhor a gente ir embora, não sei se...

- Você tem medo da morte? - Ela me interrompeu.

- Não, mas porque essa pergunta, de repente? Você está estranha. E o que é esse vestido sujo? - Respondi iluminando-a e realmente ela está estranha, usando um vestido branco amarelado com algumas manchas vermelhas, será que é sangue? Comecei a me afastar até percebo que não tem mais para onde fugir e com um sorriso a Ana tira uma faca das costas e...

Aaaaaaaaahhhhhh!!!



Imagem retirado do Amino, baseado no jogo: Yandere Simulator.

- Ingrid!? - Gritei, enquanto Gileade abria a porta. No canto do quarto estava a Ana cravando uma faca no estomago da Ingrid com uma risada maníaca.

- HÁ, HÁ, HÁ, HÁ! ESTÁ GOSTANDO INGRID? ACHEI QUE NÃO TIVESSE MEDO DE MORRER, MAS TENTOU FUGIR DE MIM!!! - Diz Ana tirando a faca e cravando novamente no corpo da Ingrid, enquanto a mesma cuspiu um pouco de sangue.

- A... Ana!? - Falou Gileade todo apavorado.

- Gileade?

Naquele momento de terror e medo, não aguentei a pressão, corremos até a Ingrid empurrando a Ana com toda força, pela pouca esperança de Ingrid estiver viva. Lágrimas caía em meus olhos até que:

- Pa... Paulo? Gi... les? - Disse Ingrid, com uma de suas mãos com sangue encostando no rosto de Giles e o outro segurando um envelope.

- Ela está viva!!! Ingrid aguenta, vamos te levar para um hospital! - Gritei, olhei para o Gileade e parecia que lemos o pensamento um dos outros. Tiramos a camiseta para estancar o sangue e ele a carregou pelos braços e quando estávamos perto de sair daquele quarto, com meu celular na mão ligando para a emergência, Ana ainda com a faca em suas mãos falou:

- Por quê? Por que você ainda quer salvá-la? O que ela tem que eu não tenho? - Me virei e respondi com ódio:

- Ainda pergunta? Ela tem amor, bondade no coração que você nunca terá. Você é doente! - Ela me olhou com lágrimas no rosto, olhou para o Gileade, mas ele nem olhou para a ela, então colocou a faca no pescoço e disse:

- Me desculpe Giles. - Enfiou a faca entre a sua garganta.

- Não Ana! - Gritou Gileade, mas foi tarde demais.

- Gileade, vamos dar o fora daqui meu celular está sem sinal, mas que merda! - Gritei puxando o ombro de Gileade, onde apenas o concordou.

Ao descer das escadas, gritos de terror se ouvia entre todos os lugares e tremores começaram dificultar nossa partida:

- Paulo chama o Gabriel! - Gritou Gileade.

Corri para cozinha e mais coisas ruins para gravar dessa casa. Gabriel estava morto sentado na mesa de jantar junto com um outro corpo ao lado. O cheiro imenso de comida estragada e sangue misturados com os pequenos tremores da casa, fez eu vomitar na entrada da cozinha. Ele tinha cortado seu próprio braço direito e com requisitos de mordidas, parece que a comeu junto com aquela comida podre cheio de larvas. Sua boca cheia de sangue e daquela comida, se eu posso chamar aquilo de comida. Corri o máximo possível e quando consegui sair a casa ela simplesmente desabou.

Graças aos vizinhos a ambulância chegou a tempo de salvá-la e com aquele pequeno envelope em suas mãos conseguimos finalmente, finalizar aquela história. 05 anos se passaram e como aquela mansão foi destruída, construíram um mini shopping, querendo enfim, enterrar a história da casa amaldiçoada:

- Nossa Paulo, eu estou com tanta fome, vamos logo! - Ingrid disse me puxando pelo braço. Mesmo com aquele acontecimento nós estávamos bem, apenas cicatrizes que nos marcaram, principalmente na Ingrid.

- Calma aí, você está me apressando só para ver o seu boy, né? Falando nisso, cadê o Gileade? Ele disse que já estava por aqui, não é?

De repente uma multidão estava na porta do elevador, será que aconteceu um acidente? Se aproximamos lentamente e aquela imagem me sufocava acompanhado com um suor frio e mãos trêmulas. Como se alguém estivesse me enforcando:

- Gileade!!! - Gritou Ingrid, se ajoelhando desesperadamente ao ver seu amor esmagado pelo peso do elevador entre suas costas. Entre os meus ouvidos um sussurro familiar que a 05 anos não ouvia ecoa em minha mente produzindo um calafrio escaldante:

- SENTIU SAUDADES P-A-U-L-O?

~~NÓS NÃO SABEMOS QUE TIPO DE PESSOAS REALMENTE SOMOS ATÉ O
MOMENTO ANTES DA NOSSA MORTE. ASSIM QUE A MORTE VIER ABRACÁ-
LO VOCÊ PERCEBERÁ QUEM VOCÊ É.~~

~~-UCHIHA ITACHI-~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Halsey - Control.

CAPÍTULO 07

BONECAS NÃO FALAM



Imagem retirado do anime: Ao Haru Ride.

Uma brisa suave entrava pela janela quando a nova aluna apareceu. Um brilho se ergue entre os meus olhos, pois aquela garota era diferente do que todas as outras da sala. Não se enturmava com ninguém, sempre com o seu capuz escondendo a maior parte de seu rosto e sem contar que não diziam nenhuma palavra.

- Carlos? Estava pensando naquela garota muda de novo? - Voltei a focar os meus olhos ao que estava em minha frente, era o meu melhor amigo Ricardo.

- Eai Ricardo, o que estava falando mesmo?

- Porque entre todas as garotas, você está interessado na muda? Qual era o nome dela mesmo?

- Helena e não estou interessado nela, só acho estranha uma garota ficar se escondendo assim de todos, mesmo sem poder falar.

- Pode ser vergonha, você sabe. Meninas ficam com tanta vergonha do nada. E além do mais, se está interessado nela é só falar com ela. – Disse Ricardo se exibindo como sempre, mas será que ela vai aceitar a minha amizade?

- Alunos, vamos fazendo suas duplas para a nossa atividade de hoje. Vamos ver.... alguém gostaria de fazer dupla com a Helena hoje? - Disse a professora com um pouco de preocupação, pois ninguém se voluntariou. Levantei respirei fundo e disse:

- Professora, eu posso fazer com a Helena? - A sala toda se virou. Ninguém acreditava nas minhas palavras, principalmente por eu ser um dos alunos mais descolado e conhecido no colégio. A professora acenou com a cabeça e me sentei ao seu lado. Era aula de matemática e eu sou péssimo nisso.

- Oi Helena... – Sem nenhuma resposta. Sou tão ruim assim com as mulheres para ela nem me dá um oi? Olhei para o caderno e não estava consigo entender aquelas malditas contas, nem sei por onde como começar. Até que a ponta do lápis bateu no meu caderno e ela escreveu uma mensagem para mim: “Você não vai fazer?” Fiquei muito feliz que ela respondeu, então escrevi como resposta: “Eu sou péssimo em matemática.” Então ela virou-se e mostrou o seu caderno e começou a me explicar indicando com o lápis. Naquele momento pude ver um pouco seu rosto. Era pálido, mas com olhos verdes com um tom amarelado, mas foi tão rápido que nem deu tempo de observar, mas era lindo. Acabando a primeira aula, me levantei e disse:

- Muito obrigado Helena! - Ela acenou com a cabeça, mas continuava sem nenhuma reação.

Depois das outras aulas normais e com o intervalo, ainda não havia nenhum contato entre a gente, até a aula de música que seria a primeira vez que ela participaria. Quando chegamos me aproximei e percebi que ela estava segurando seu caderno. “Talvez seja para ela se comunicar”, pensei:

- Sabe tocar algum instrumento Helena? - Terminando essas palavras ela apontou com o dedo para a guitarra. Fiquei impressionado, nunca vi uma garota tocar guitarra, pelo menos nesse colégio. Ela se levantou pegou a guitarra e começou a tocar, todos ficaram surpresos, principalmente o professor e depois daquela apresentação fantástica, me decidir se aproximar mais daquela garota sombria.

Passaram-se algumas semanas e comecei a se aproximar mais de Helena. No começo nem todos concordavam com aquela amizade, até soube que ela sofria bullying e mesmo assim continuava calada. Não aceitei e comecei a protegê-la pelos insultos, mesmo ela negando. Minha desculpa foi dizer: “somos amigos e amigos protegem os outros”, mas na realidade. Meus sentimentos por ela me fazem querer proteger e cuidar dela:

- Bom dia Carlos, vejo que você e a Helena estão se dando muito bem. - Disse a professora ao meu encontro nos corredores da escola.

- Sim, professora.

- Bem, você sabe de alguma coisa sobre os pais da Helena?

- Não, por quê?

- Tentei marcar uma reunião com os pais, mas mesmo que eu pergunte para ela, ou ligue para eles sempre dá caixa postal. Fico preocupada com Helena e gostaria de conhecê-los para ver como andam o desenvolvimento dela fora da escola.

- Se a senhora quiser eu vejo para perguntar pra ela.

- Seria ótimo Carlos. Desculpa tomar o seu tempo. - Acenei e acabei voltando para sala, estava começando a ficar preocupado com o que a professora disse, sobre a Helena e nunca parei para pensar em como são os pais dela.

Terminando a aula, Helena se aproximou de mim e entregou um pedaço de papel escrito "Você pode me acompanhar? Quero te mostra uma coisa." Fiquei animado ultimamente estava acompanhando-a até a esquina, mas fiquei surpreso com aquilo. Terminei de me arrumar e saímos do colégio e andamos um pouco até chegar a um bosque um pouco longe da cidade. Pensei em falar algo, mas ela está tão determinada que não quis acabar com aquele brilho em seu olhar. No final daquele caminho sombrio, chegamos a uma casinha de madeira e era algo incrível. Uma sala cheia de livros, desenhos, caixa de som e tinha alguns instrumentos músicas (guitarra, violão, pandeiro, um cajon, e tinha um instrumento pequeno que nunca tinha visto). Quando me agachei para pegar aquele instrumento estranho, rapidamente ela pegou entre minhas mãos. Aquele movimento, pude ver um pouco seu braço direito, mas parecia que tinha cortes ou algo assim:

- Helena, você...? - Antes que eu perguntasse a respeito de seu braço, me interrompeu apontando para um cartaz na parede escrito "Kalimba".

- Esse é o nome do instrumento? - Ela acenou com a cabeça, com um sorriso.

- Helena, nós somos amigos certo? Você sabe que pode me contar qualquer coisa né...? - Olhei sério para ela e aquele pequeno sorriso se desfez com um sentimento de dúvida pela minha pergunta repentina.

- Essas cicatrizes em seu braço... Você...? - Antes de eu continuar, ela correu para fora e ao ir atrás dela, peguei pelo seu braço. Em momento de luta acabei puxando a manga de sua blusa e acabei vendo seu braço esquerdo, pálido com vários cortes costurados com uma linha de lã vermelha. Fiquei paralisado ao ver seu estado durante seu choro. Foi a primeira vez que vi o som dela. Sua lágrimas começaram a limpar o seu rosto cheio de maquiagem, onde começou a aparecer alguns cortes pequenos e marcas roxas entre os cantos de sua bochecha e maxilar.

- Quem fez isso com você? Foram os seus pais? Me responde Helena! - Ela apenas enxugou suas lágrimas desviou-se o olhar e continuou a correr.

Corri atrás o máximo que eu pude até chegar em um bairro, parecia abandonado e na última casa em uma rua sem saída, lá estava ela com os seus cabelos loiros balançando junto ao vento. Colocou-se seu capuz e entrou naquela casa. Essa é a casa da Helena? Se realmente for os pais dela. Eu preciso ligar pra polícia. coloquei a mão no bolso, mas deixei meu celular na cabana. O que eu faço? Devo voltar e ligar para as autoridades? Ou devo tirar ela de lá e salvar dos próprios pais? Respirei fundo e me decidir.

Estava quieto e escuro, como se ninguém estivesse lá. Até que no meio daquela escuridão, uma mão delicada me agarrou e puxou no ao canto da sala. É a Helena com uma vela entre sua mão direita. Ela estava com uma expressão de brava e preocupada:

- Helena eu vim te buscar. Aqui é perigoso, vamos!

-Shhhhhhh. – Helena sinalizou-se para ficarmos em silêncio. Ao mesmo instante sons de chaves foi ouvida do lado de fora da casa. Com um sopro leve e sem vida, apagou a chama da vela e a escuridão começou a tomar conta da minha visão. Helena começou a me guiar com sua mão delicada até embaixo da escada que leva aos quartos no cômodo superior:

- Lena? – Uma voz com um tom grosso de uma mulher ecoou entre o silêncio da casa, enquanto ligava a luz da sala de estar. Continuei escondido apenas observando, enquanto Helena se aproximava da sala.

- Por que demorou tanto minha bonequinha? Você sabe que eu não tolero atrasos. – Eu conseguia ver as sombras das duas, ela deve ser a mãe da Helena.

- Amor? – Outra voz saiu com passos pesados, era um homem, mas ainda não consigo ver eles.

- Querido, eu pensei que ontem tínhamos ensinado uma lição para ela, mas essa bonequinha aqui é muito ingrata. Hoje recebi de novo uma ligação da escola. Acho que está aprontando de novo. – Via a sombra de Helena acenando para os lados negando-os até um som de tapa é alcançado em meus ouvidos, fazendo cerrar os punhos por impulso.

- Está negando sua mãe? Essa tapa nem chega ao castigo que você merece. Sua imunda. – Confirmou o homem. Acabei-me abaixando pela aproximação da silhueta do casal passando entre a porta da cozinha em frente as escadas. Helena aparece logo atrás e consigo ver sua bochecha direita vermelha pelo tapa. Fez um sinal de silêncio com um sorriso vago e deu um tchau, sumindo de vista. Cautelosamente comecei a seguir, em direção ao porão e pelo vão da porta consigo ver Helena amarrada em uma mesa com um pano em sua boca, aguentando os chicotes de seu pai e a costura de sua mãe em seu joelho com uma lã vermelha. Lágrimas caíam em meus olhos junto com a boca seca e suor gelado entre minha testa. Vou chamar ajuda. Prometo.

Respirei fundo e subi a escada, até que um som do rangido da escada se alastrou. O barulho das chicotadas parou e o desespero correu pelo meu corpo. Esperei para

ver até o barulho das chicotadas voltasse e com alívio continuei a subir. Chegando ao corredor vi um celular na mesa da cozinha:

- Central de Emergência, como posso ajudar?

- Preciso de ajuda por favor, minha amiga está sendo torturada pelos próprios pais!

- Calma jovem, qual é o seu nome?

- É Carlos. Vocês precisam vim rápido eles estão no porão torturando a Helena.

- Ok Carlos, se acalme, você sabe onde está?

- Não, eu não moro aqui, é a última casa de uma rua sem saída perto do bosque do colégio Berlitz. Por favor, venham logo, eles não sabem que estou aqui. Acho que eles sabem que estou aqui. - Começo a ouvir um silêncio. Os chicotes pararam.

- Carlos, presta atenção. Não desliga o telefone, usarei para achar sua localização. Quero que vá e se esconde. Logo a polícia chegará aí. - Começo a ouvir passos, vou me esconder no quarto no andar de cima. Subi as escadas, deixei a chamada no mudo, escondi o celular entre o armário e fui para baixo da cama. Luzes foram acessas e vejo a silhueta de um homem, caminhando lentamente ao redor da cama, até sentir minhas pernas sendo puxadas para fora. Durante a minha resistência, ao sair, sinto uma pancada forte em minha cabeça e acabo desmaiando.

Abro meus olhos lentamente, onde estou? Levanto minha cabeça e vejo a Helena acorrentada ao meu lado chorando. Tento me aproximar, mas minhas mãos também estão presas:

- O que faremos com esse garoto? - perguntou o pai de Helena.

- Minha bonequinha você conhece esse garotinho? - Disse a mãe dela acariciando seu rosto.

- Não encosta suas mãos sujas nela! - Gritei.

- Ohhhh que garoto sem modos. Bem, por sua arrogância não podemos simplesmente eliminá-lo, o que você acha meu amor de dar uma liçãozinha nele?

- Eu acho uma ótima ideia.

- O que vocês vão fazer? - Meu coração começou a acelerar.

- HUUUU, então garoto por onde você quer começar? Pelas suas pernas ou seus braços? - Perguntou a mãe, com um sorriso bizarro.

- Vão se fuder! - Resendi com um sorriso no rosto, mesmo com medo. O pai segurando uma lâmina se aproximou e começou a cortar meu joelho lentamente. Uma dor intensa se espalhava entre o meu corpo, como se estivesse desossando uma carne, até que ouvimos batidas na porta. Aquela mulher amarrou a minha boca com uma corda e o pai foi verificar quem era.

- Minha bonequinha, você quer salvar o seu amiguinho? Então trate de ser boazinha e ajudar o seu pai com a visita. - Acenou com a cabeça limpando suas

lágrimas e subiu, após sua mãe tirar suas correntes. Negava com a cabeça fazendo gemidos para impedi-la, porém são interrompidos pela faca em minha garganta.

- ...Recebemos uma ligação e viemos verificar, essa área. Tem alguém com o senhor? - Relatou os dois policiais desconfiados.

- Só sou eu, minha esposa e filha - Disse o senhor nervoso, enquanto Helena se aproximava.

- Essa é sua filha? Olá, querida, qual é o seu nome? - Perguntou um dos policiais se aproximando de Helena.

- O nome dela é Helena e infelizmente ela é muda. - Helena estava suando de nervoso, apenas com as duas mãos uma na frente deitado e com a outra aberta fez um sinal direcionando para baixo. como se estivesse dizendo algo.

- Entendo. – Disse o policial se afastando dela, um pouco desconfiado.

- Bem se souber de algo, pode nos informar e desculpa pelo incômodo. – Terminando as palavras os dois policiais saíram, mas um deles olhou para Helena e uma lagrima escorreu no momento que fechava a porta. Eles estavam desconfiados, mas aparentemente se afastaram daquela casa.

Ouvi o som da porta se abrindo e era a apenas a Helena, chorando com o rosto vermelho, mas acenou confirmando que os policiais foram embora. O pai dela deve ter dado tapas em seu rosto novamente e eu não pude fazer nada...

- Que linda minha bonequinha, já que partiram e você foi uma boa menina, irei deixar você ir ao seu quarto mais cedo está noite e depois converso com seu pai. Agora vou cuidar do machucado do seu amiguinho. Um novo bonequinho. - Disse a mãe, com um olhar frio, tirando do bolso a agulha com a lã vermelha. Helena não esperou a oportunidade, pegou um pedaço de metal que estava na beira da porta e bateu na nuca da sua própria mãe e tirou a corda que estava na minha boca:

- Helena você...

- Shhhhhhhh. – Interrompeu Helena, pegando a chave e começou a tirar as correntes e com um pedaço da sua roupa amarrou em meu joelho para estancar o sangramento, senti uma pontada intensa da dor, mas me segurei para não gritar e chamar atenção, principalmente pelo seu pai que ainda não desceu. Me ajudou a se levantar e começamos a tentar subir a escada até que... o pai dela apareceu no encontro.

O olhar de ódio com os punhos cerrados, conseguia decifrar seu próximo ataque e ao mesmo tempo empurrei Helena para o lado e recebi seu soco que acabou nos desequilibrando e caindo da escada. Vários chutes, xingamentos e socos estavam sobre mim e o sangue da minha perna jorrava ainda mais pelo chão e minha visão começou a ficar turva:

- PA.... PAI! PARE POR FAVOR! - Pera essa voz é da Helena? Talvez seja loucura pela falta de sangue... a escuridão tomou conta e desmaiei.

- Carlos?! - Abro meus olhos, e continuo a ver aquele lindo rosto pálido, mas com um sorriso, encantador. - Ainda bem que você está bem. - Disse ela com lágrimas aos olhos. Ela está falando? Aquilo foi tudo um sonho? Olhei para os lados, eu estou no hospital?

- Por que você me seguiu? Por que foi na minha casa? Se os policiais não... tivessem chegado... vo... cê teria... – Disse Helena com os seus lábios trêmulos e lágrimas escorrendo no seu rosto.

- Porque eu gosto de você e naquele momento, quando eu vi os seus olhos e suas feridas. Eu não podia deixar você assim. - Um abraço e choros rolaram em todo quarto, finalmente aquela garota, estranha do rosto triste e pálido se foi. Senti um pouco de dor, mas eu podia suportar, principalmente pelo abraço da garota que eu amo.



Imagem retirado do Kanao Tsuyuri, sad demon slayer HD wallpaper.

Um ano se passou desde aquela tragédia, a professora de matemática que ficava sempre preocupada à adotou Helena e claro que foi surpreendente, quando souberam que ela não era muda. Agora, Helena passou-se a ser uma garota alegre e cheia de vida. O pai dela está preso e com certeza vai acabar pelo resto de sua vida, enquanto a sua mãe misteriosamente está desaparecida.

- Carlos, você trouxe a kalimba? - Disse a Helena toda sorridente e preocupada.

- Eita, eu esqueci na sala eu pe...

- Deixa eu vou buscar, enrola o professor. - Me interrompeu com um sorriso e partiu sem me avisar. Quando ela voltou o seu sorriso escureceu e seu rosto se tornou-se pálido, como se tivesse visto um fantasma:

- Helena o que houve? Você está pálida.

- Eu vi....

- Viu o que? - Perguntei preocupado então ela se aproximou e sussurrou.

- ... minha mãe.

~~DEPOIS DO SILÊNCIO, O QUE MAIS SE APROXIMA DE EXPRESSAR O
INEXPRIMÍVEL É A MÚSICA.~~

~~—ALDOUS HUXLEY~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Listen - Sent by Ravens.

CAPÍTULO 08

AS TREVAS



Imagem retirado do site pngtree: fundo papel de parede hd linda garota anime com máscara e fone de ouvido.

Destruição. Isso é o que nosso mundo se transformou. Corrompidos pelo mal. Nós seres inferiores devemos nos submeter com a cabeça baixa para o sistema. Ao contrário de meus irmãos, que conheci naquele mundo antes do caos começar. Mesmo com as guerras, o mundo vivia com várias almas boas e ingênuas, mas agora, com um deslize seus corações podem se prender entre as trevas. Se você está lendo isso, então é capaz de não compreender o que estou dizendo, então melhor voltarmos aonde tudo começou.

Há 10 anos atrás, achava que o nosso mundo estava no seu "normal" como sempre. Eu com apenas 14 anos da minha juventude, vivia entre desenhar ou brincar com meus amigos, mas o meu normal, não era o mesmo dos meus pais. Sempre ouvia eles conversando sobre as coisas novas que surgiram como casas automatizadas, carros movidos a gás, hologramas, ..., chip trabalhador e o mais importante o grande sistema. O sistema unificado por uma I.A. e te observa e cuida de todos, não existe reis ou presidentes, só apenas o sistema e foi aí que a calamidade começou.

Ouve 07 anos de paz até que no começo do 8º ano, um asteroide caiu na Terra e abriu uma fenda, causando o grande caos que destruiu todo o continente Europeu.

Demos o nome do “Desfiladeiro do Inferno” que não só provocou um apagão acabando com toda tecnologia do mundo, mas também trouxe a seca e as “trevas”. Uma sombra obscura que além de escurecer todo céu, transformando o dia em noite, trouxe um vírus tirando a sanidade das pessoas, fazendo-as esquecer de quem elas são e não distinguir o que é realidade da ficção. Nesses últimos três anos, mais de 50% da população morreu com as trevas, 30% conseguiram controlá-la, mas estão sempre com ganância e ódio como se toda bondade, amor e compaixão não existisse. Nós os chamamos de “possuídos”. Agora, você deve estar se perguntando e os 20% da população? Somos nós, a resistência. Vivemos sempre escondidos nos bunkers com máscaras de gás para sobreviver, mas será que vamos conseguir viver em vez de sobreviver?

- Hanna, eles chegaram!

- Aqueles carneiros, já não basta ter pegado a Rafaela e o Jay.

Levantei-me, respirei fundo e respondi suas aflições:

- Kim, já conversamos sobre isso, a culpa foram deles.

- Talvez eles queiram fazer um acordo né, Hanna.

- Alice, continue de olho abertos, não quero ter nenhum imprevisto, Luna avisa os outros. Quero que todos fiquem bem atentos e preparados, não sabemos suas verdadeiras intenções. Kim, chama a Gisele e o Lucas quero eles me acompanhado lá em cima.

- Mas, Hanna.

- Kim, lembra do nosso lema? - Me aproximei e encostei as nossas testas um ao outro e continuei:

- Família sempre unida, nunca...

- ... será vencida... - Continuou Kim com seus olhos puxados lentamente se fechando. Kim é o meu parceiro que ficou ao meu lado no começo de tudo. Depois que dois do nossos foram pegos, sei que não seria fácil para nós principalmente para os mais novos, mas devemos ser fortes.

- Nossa família ficará unida de novo, eu prometo. Vamos! - Peguei a minha máscara e a minha arma e juntos com Lucas e Gisele subimos para a superfície.

Abrindo a escotilha, uma claridade se abria entre os nossos olhos. O céu azul já não existe mais, apenas um céu nublado com tons cinza alaranjado, como se estivesse em um tempo de frio no outono.

- Olha só, se não são os ratos de esgoto. - Olhei para o lado e estava três possuídos, um deles era o braço direito do rei, o Mark ou era esse o seu nome, agora mudou para Dark. Suas expressões de sacarmos, sem o uso de máscara e seus olhos negros como se houvesse uma possessão era sinais físicos de um possuído asqueroso.

- Mark, você vive cheio de piadinhas né? - Disse Lucas, saindo da escotilha.

- É Dark, seu rato imundo.
- Ei, calma aí o sem fé. Você não veio aqui só para nos provoca. - Disse Gisele segurando o braço de Lucas.
- É bom mesmo, segurar as rédeas desse seu pulguento, porém mesmo não gostando de vocês, vim aqui para tratar de negócios com sua chefe. Hanna, não é?
- Acenei com a cabeça, durante um silêncio que começou a se estender pelo ar.
- O rei quer falar com você?
- Falar? Sobre o que? Nosso acordo não favoreceu o fardo do seu mestre? - Perguntei.
- Bem, eu não tenho que dar satisfação para ratos como vocês. São apenas ordens.
- O que aquele canalha quer? Ele nunca se manifestou antes, por que agora?
- Porque nós temos dois ratinhos da sua laia. Então, você vem garota? - Disse Dark com um olhar malicioso.
- Ok, eu vou com vocês.
- Hanna? O que você está dizendo? - Disse Lucas preocupado.
- Mas, não poderei ir sozinha.
- Como assim? - Perguntou Dark com um tom de arrogância.
- Você acha que vou sozinha sem nada? Pelo menos, deixa que um dos meus irmãos venha comigo.
- Você acha que meu rei vai gostar disso? Está muito enganada.
- Então liga para ele. Eu sei que ao contrário de nós, vocês têm comunicação a distância. Então porque não pergunta ao seu grandioso rei. - Terminando essas palavras Dark ligou e após uns 2 minutos, voltou a mim e disse:
- Realmente não entendo o que o meu rei vê em você. Bom, pode mais um rato e uma arma pequena só para não dizer que está em desvantagem. 10 minutos e não acabe com a minha paciência. - Não perdi tempo, dei um sinal e descii para uma reunião, para decidir quem irá ir comigo.
- Minha família, hoje aquele rei me convidou a ir ao seu covil, para falarmos sobre a Rafa e o Jay. Parece que eles estão vivos.
- Com certeza querem algo em troca. - Insinuou Alice com seus cabelos loiros e olhos azuis olhando para o canto refletindo.
- Malditos. - Bufou Kim.
- Por isso, decidi e aceitei a proposta.

- Você está indo direto a cova dos leões, tem certeza disso? - Perguntou o jovem moreno chegando atrasado na reunião, era o Vitor, ele só fala o necessário e sempre fica trancado em seu quarto.

- Tenho sim Vitor, sei que é arriscado, mas família sempre unida, ...?

- Jamais será vencida! - Continuou todos.

- Essa frase, não só significa que devemos estar juntos, mas sim, sobre nunca abandonar um dos nosso. Somos uma família e não importa o tempo, ou as circunstâncias, sempre vamos encontrar um jeito para nos unir, não importa se seja aqui na Terra ou no céu. Sempre estaremos unidos. Ainda precisamos saber se eles realmente estão bem. - Olhei para o Kim e dei um aceno com a cabeça.

- Hanna... - Disse Kim emocionado com as minhas palavras.

- Então, eu e o Kim vamos fazer o possível para trazer nossa família de volta. Gisele, você está no comando. Quero que seguem as regras e se eu ou o Kim não conseguirmos voltar, quero que se preparem para a grande batalha. E não devemos esquecer, jamais devemos fazer as coisas pelo ódio ou vingança. Nós não somos como eles, somos melhores, somos uma família de amor e união e essa também é a nossa vantagem.

- Eu ainda acho arriscado, mas nossa líder é teimosa. - Terminando essas palavras Vitor se aproximou e deu algo nas minhas mãos e já compreendia o seu significado. Dei um sinal e subimos para a superfície.

- Já estava na hora. Entrem. - Disse Dark estressado.

Me despedi da Gisele, subimos na caminhonete até chegar ao seu covil. Parecia uma usina quase abandonada, tinha grandes holofotes enormes iluminando todo local, mesmo com a escuridão dava para perceber que já estava anoitecendo.

Chegamos na entrada e uma garota de jaleco era a que mais observava atentamente. A cada olhar dava para sentir um tom de desejo e malícia.

- Nossa não acredito que temos uma convidada especial do rei. E nunca pensei que iria ver um garoto tão lindo. - Disse a garota se aproximando do Kim.

- Keyla, eles não são seus brinquedos, recolha as armas deles. - Disse um dos capangas de Dark.

- Ahhh, que pena, eu iria adorar brincar com vocês, especialmente com esse garotão e o rei disse que ela pode ficar com as armas, mas apenas ela meu lindo.

- Mas, o que?

- Ordens do rei. - Disse ela com uma risadinha. Não consegui compreender. Mesmo com as minhas armas, não faria diferença. Já que quem iria atirar em uma cova cheia de leões? Seria suicídio. Olhei e confirmei com a cabeça para Kim e ele apenas obedeceu silenciosamente.

Começamos a caminhar, subindo longas escadas de ferro, até o penúltimo andar. Não imaginava que teria tantos possuídos dessa maneira até senti um aperto em meu peito de tristeza por eles. Finalmente chegamos, ao olhar parecia um pequeno escritório e tinha uma cadeira enorme virada de costa para nós, com certeza o rei está lá.

- Deixe-me à sós. - Aquela voz parecia familiar, mas de onde eu a ouvi? Ignorei os meus pensamentos inadequados. - Nossa nunca pensei que seria você a líder dos ratos, achei que estivesse morta. - Disse ele virando lentamente aquela cadeira. Nem eu puder acreditar quando o vi:

- Levi?

- Como vai Hanna?

- Hanna, quem é esse? - Cochichou Kim.

- Ahhh então esse é seu braço direito. Muito prazer. - Disse Levi com o tom sarcástico e continuou:

- Bem rapaz, acho melhor se sentar. Essa é uma longa história, não é minha querida Hanna?

- Kim, antes das trevas acabarem com a nossa vida, Levi e eu éramos namorados, até que nos separamos na primeira onda, achei que estivesse morto.

- Bem, aqui estou eu. Mais vivo do que nunca. - Disse Levi alegre, com aquele mesmo sorriso como eu me lembrava.

- Mas é um possuído ou melhor, o rei dos possuídos. Não podemos esquecer disso. - Disse Kim bufando de raiva. Mesmo querendo negar, essa é a verdade, os olhos do Levi eram negros como carvão. Olhei na direção do Levi sem olhar aos seus olhos e perguntei:

- Levi, por que nos chamou?

- Ai, ai. Não posso mais, matar saudades da minha namorada? Venha, vou te mostrar o meu mundo. Temos todo tempo do mundo, não? - Disse se exibindo e caminhou-se até a porta, passando no meio de nós dois.

- Não viemos aqui para ver sua casa. - Retrucou Kim.

- Mas, vieram ver aqueles seus amigos, não é? Então venham comigo.

O seguimos com a guarda ativa em silêncio. Eu senti um sentimento de felicidade ao vê-lo, mas triste por ser o líder dos possuídos que me atormentaram por anos. Por que, entre todas as pessoas justamente ele? Tentei não pensar demais nessas perguntas e observar o lugar que estávamos indo. Parecia uma espécie de palco como de um ringue, vários possuídos ao redor, torcedores de algum show que está preste a começar. Entretanto, não era os nossos assentos e sim, em uma sala aconchegante, como uma sala VIP de um estúdio:

- O que estamos fazendo aqui Levi?

- Viemos ver o show é claro - Disse ele se sentando na sua poltrona, e apertando o botão de um megafone ao lado e continuou: - Boa tarde, meus enormes súditos, hoje temos convidados especiais que presenciarão um belo espetáculo. De um lado temos Rafaela uma ratinha que tentou fugir mais de 4 vezes. Esse é um novo recorde e do outro lado temos o Jay que além de ser forte mostra a sua confiança e amor fraternal pela sua irmã. Que comece a luta.

- Seu desgraçado o que fez com eles?

- Bem, olha eu não quero manchar minhas mãos e também não temos tanta comida do mundo para dar aos ratos como você. Então, por que não entreter aos meus súditos? Uma luta com apenas um objetivo quem tirar a máscara do outro ganha? Um vive e o outro morre é uma emoção incrível, não acha?

- Você está louco? Por que fazer isso? - Perguntei.

- Hanna, você continua sendo tão inocente, mas não se preocupe, você pode acabar com essa situação.

- Como?

- Eu abro mão deles em troca você fica comigo e vira um de nós.

- Vai se fuder seu possuído de merda! - Gritou Kim, indo com seu punho direito no rosto de Levi, mas o mesmo segurou com a força de sua mão e falou:

- Rapaz que mãos fortes você tem, hein? Com certeza, esqueceu que além de mais velho sou mais forte que você? Antes, eu só queria ver a destruição, acabar com vidas por diversão, mas quando descobrir que você Hanna estava viva, me senti vivo de novo e não consigo governar o meu reino sem minha amada rainha. - Empurrou Kim com um chute jogando-o para trás. Tentei tirar minha pistola mirando em nele, mas com seu sorriso continuou: - Podemos governar isso juntos, continuarei fornecendo energia, enquanto vocês oferecem as frutas e verduras que produzirem. Não seria bom?

- Hanna, o que está esperando atira nele.

- Shhhhh, não atrapalhe seu verme. Ou vai me dizer que me trocou por aquele mequetrefe? - Disse Levi interrompendo Kim e olhando novamente aos meus olhos.

- Okay, eu aceito, então pare logo com essa luta.

- Hanna?

Olhei para o Kim e o seu rosto se escureceu por completo, parecia que aquela admiração se transformou em desprezo.

- Temos uma vencedora. Apresento-lhes Hanna. Não..., vamos para seu verdadeiro nome que eu sempre a chamava Isis, minha noiva e a sua mais nova rainha. - Disse Levi com o seu sorriso malicioso, me segurando pela cintura. Olhei para ele com convicção, me afastando e disse:

- Primeiro cumpre sua parte.

- Ok, minha rainha. Bem, deixarei um dos meus servos para acompanhá-los pela área dos fundos. Não queremos tumultos, não é? E diz para aquele canalha do Jay que espero que ele tenha aproveitado bastante o seu corpo, já que agora você é toda minha. - Disse ele finalizando como um sussurro entre os ouvidos de Hanna, porém ela não demonstrou nenhuma reação e apenas ficou calada. - Até a próxima pequeno Kim! - Finalizou se afastando com desprezo.

Como prometido, Rafa e Jay estavam a salvo. O impulso da saudade fez nos abraçar, acompanhando-os até a saída. Observando em volta pelo caminho possui vários tanques de gás e um carro, provavelmente era o caminho de volta, porém o guarda parou-se no meio do caminho. Talvez por conta desse gás ou será que Levi estava querendo mostrar confiança? Não posso confiar nele mesmo sendo a pessoa que eu o amava:

- Eu não aceito isso. Se eu fosse forte o suficiente e tivesse escutado você, eu... - Disse Jay cerrando os punhos.

- Jay... - Disse Rafa com suas mãos sobre o rosto enxugando suas lágrimas. Me aproximei de Jay e logo dei um tapa forte em seu rosto pálido tornando-o sua bochecha esquerda vermelha. Todos ficaram em silêncio.

- Sim, foi sua culpa. Se você tivesse me ouvido. Você iria saber que aquele plano iria falhar e que eu poderia perder você! - Terminei as palavras dando um abraço forte. Pela altura de Jay, Hanna estava entre o seu peito apertando fortemente aquele corpo magro e pálido dele e continuou com sua voz áspera pelo choro: - Mas que bom que você está bem... Se... Se você tivesse morrido, eu... não saberia o que fazer e naquele momento depois de tanto tempo, eu... não pude dizer o quanto eu te amo seu...

- Hanna... - Disse Jay com lágrimas escorrendo em todo o seu rosto, Hanna acabou se perdendo nas palavras com seu choro. Uma imagem bonita e ao mesmo tempo triste de se ver, pois aquilo além de um reencontro, também é uma despedida.

- Kim, isso talvez seja um adeus. jamais esqueça do nosso lema viu... - Um abraço aconchegante em meus braços com um sussurro "Eu posso ficar aqui com você, não precisa se sacrificar por favor." Dei um leve sussurro em seu ouvido e me despedi antes que o Levi viesse me buscar a força.

Voltando lentamente aos tanques, lembrei do Vitor e com aquele pequeno brinquedo encostei entre um dos tanques sem o guarda perceber, provavelmente sabia que em alguns minutos o show de verdade iria começar. Nos aposentos, Levi tranca a porta ao me ver deixando apenas nós em um ambiente tentador:

- Finalmente poderei olhar para você com outros olhos.

- Se for tirar a minha máscara, melhor parar de enrolar.

- Minha querida Isis, continua a mesma impaciente de sempre.

- Está errado, não sou mais aquela garota.

- Eu sei, percebi quando você estava tentando me enganar colocando uma mini bomba nos tanques de gás. Achou mesmo que eu não iria perceber? - Terminando as suas palavras irônicas, Hanna empurra Levi na cama e acaba subindo nele com uma lâmina escondida entre o seu pescoço.

- Se você já sabia por que não me matou quando teve a chance?

- E você querida? Tantos momentos, tantas chances e simplesmente não conseguiu se conter contra mim? Ora, isso quer dizer que você ainda me ama mais do que eu te amo.

- Cala boca! Seu masoquista de merda!

- Então me mata, eu sei que você me quer, estamos sozinhos à espera do outro. Você pode ter transado e beijado aquele magrelo, mas você não pode negar que ainda sente algo por mim. - Realmente, mesmo com o ódio em meu corpo. Eu... Não, eu não posso. Enquanto estava confusa. Levi cariciava o meu cabelo e descia com suas mãos delicadas entre meu pescoço:

- Mesmo que eu detesto isso, você sempre teve razão. Porém... - Uma explosão acaba interrompendo minhas palavras. Soou-se o alarme e o fogo começou a surgir entre os andares abaixo. Levi tirou a lâmina das minhas mãos e me virou colocando-a na cama.

- Pelo jeito, já chegou a minha hora...

- Levi me solta o que você vai fazer...?

- Sabe, eu queria poder explicar, fica com você o resto da minha vida, mas esse meu objetivo louco já não pode mais ter resultados. Mesmo meu corpo lutando para tirar essa máscara inútil e deixar a luxúria tomar conta de nossos corpos. Seria um suicídio duplo e doentio. - Solto-me e entre o canto da sala peguei uma coberta enfiada e continuei: - Vamos, se enrole nessa coberta e vamos sair dessa bagunça.

Entre o fogo intenso que rapidamente chegou no quarto, Hanna sem entender apenas o obedeceu e sem avisar, Levi acabou carregando-a e correu em meio ao fogo. Sua pele e suas vestes queimavam intensamente e mesmo assim, não demonstrava sua dor. Isso talvez seja pela resistência de ser um possuído.

- Ora, ora. Se não é nosso rei e nossa rainha. Que lindo. - Disse Dark aparecendo em nosso caminho.

- Mark?

- Salvando uma imunda, detonando bombas e matando sua própria gente. Que rei hipócrita! Sabe de uma coisa eu cansei de vocês dois.

- O que você realmente quer? - Perguntei, enquanto sou colocada ao chão pelo Levi.

- O que eu quero? Eu quero dor, sofrimento. Eu quero que vocês ratos imundos morram com as minhas próprias mãos é óbvio.

- Você é psicopata de merda! - Afirmou Levi.

- Doente? Bem, talvez seja por isso que eu estava preso no “Athens Lunatic Asylum”, mas fala de doente, mas e você Levi? Lembro de suas histórias e que matou muitas pessoas para tentar encontrar essa vadia. Achei que éramos parecidos, mas agora começou a agir como um cachorrinho dessa vagabunda.

- Não chame ela assim! - Pegou uma adaga entre seu bolso e partiu para cima de Dark que o mesmo pegou a sua e se protegeu.

- Levi!

- Hanna, corre sai daqui que eu te alcanço depois.

- Vai vadia e não se preocupe. Eu vou fazer um favor de adestrar o seu precioso cachorrinho.

- Vai se fuder! Vai Hanna agora! - Disse Levi começando uma luta corpo a corpo com Dark. Uma luta intensa que mesmo com fogo, a fumaça e sua temperatura não os impedião. Comecei a correr, mas no caminho encontro uma pistola no chão, mas será que eu deveria voltar?

- Nossa Levi, achei que você era forte, mas não passa de um garoto inocente e medroso. Você não merece essa benção das trevas. - Disse Dark chutando o estomago de Levi fazendo o cair e levantando pelos cabelos, olhando nos olhos de Levi continuou. - Acho que isso é um adeus, meu rei. Suas últimas palavras?

- Vai... pro inferno seu demônio!

Bang....

Uma bala acaba acertando o ombro de Dark, e atirou mais uma vez em sua perna esquerda fazendo-o desequilibrar e soltar Levi:

- Eu falei para você ir embora.

- Desculpa eu só vim garantir a sua saída. A luta já acabou, então vamos. - Disse Hanna jogando aquela pequena pistola no chão e segurando a mão de Levi puxando o para longe de Dark.

- FILHA DA PUTA! SUA VADIA DESGRAÇADA! ACHAM QUE VAI ACABAR ASSIM. CAÇAREI VOCÊS ATÉ OS COFINS DO INFERNO E TRAREI UMA NOVA REVOLUÇÃO PARA ESSA HUMANIDADE DE MERDA. HÁ, HÁ, HÁ! - Gritou Dark, durante nossa corrida ignorando-o. Mal podíamos ter a certeza se ele ainda estava vivo ou morto. Ao lado de fora impaciente está Keyla nos esperando:

- Mestre, mais que demora, pensei que você não iria conseguir! - Disse Keyla

- Desculpa Keyla, mas eu precisava, cof, cof... - Levi acaba caindo pela tontura e dores.

- Levi por que você se arriscou por mim?

- Sabe podem me chamar do que quiser, mas eu vou ser sempre um garoto de Massachussetts que conheceu a garota perfeita, cof, cof... Keyla, leve a Isis... Na verdade, leva a Hanna para um lugar seguro.

- Mas senhor?

- Não Levi, por favor. – Digo desesperada.

- Eu já tinha decidido que minha morte seria hoje. Não precisa de cerimônias. Nunca gostei dessas coisas mesmo. Cof, cof. – Levi começou a dar gargalhadas que atrapalhava com suas tosses acompanhadas por sangue e com um sorriso acenou com a cabeça. Nesse estante pude ver aquele mesmo olhar. Seus olhos puxados azulados com aquele mesmo brilho de quando nos conhecermos.

Subimos na moto, com algumas lágrimas deixando-o ao chão. As trevas não trazem ódio ou ganância, mas sim, oferece força ao real desejo de seu coração. Levi queria me encontrar e ter um último momento comigo e arriscaria tudo até mesmo sua própria morte. Keyla pelo contrário o seu maior desejo é achar uma cura para restaurar a paz no mundo. Porventura, nem todos possui desejos bons e simples no coração. Então, como será a nossa luta partir de agora. Qual é nosso verdadeiro desejo do coração? E como podemos acabar com esse apocalipse de uma vez por todas?

*A VERDADEIRA MEDIDA DE UMA PESSOA É COMO ELA AGE EM
MOMENTOS DE ESCURIDÃO.*

—BOB MARLEY.

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: The Used – Revolution.

CAPÍTULO 09

ESPERANÇA.



Imagem retirado do anime: Croos Ange: Tenshi to Ryuu no Rondo.

Se você está lendo isso, pare e veja se não tem nenhuma pessoa por perto te observando. Pega seu maldito celular e liga pra polícia ir à ultima casa da rua Real Rd, China Groves no Texas, rápido. Apesar que até lá... Eu já devo estar morta... Bem, apenas faça isso como um último desejo de uma garota de 16 anos e faça sofrer o filho da puta que massacrou minha família. Espero que esse meu relato seja prova do monstro que esse doente é.

Atualmente estou presa no porão dessa maldita casa e é uma merda. Faz dois dias que estou aqui. Apesar de receber comida e água, tenho certeza que não vou durar muito, principalmente por não me alimentar com esses suprimentos que possivelmente podem estar envenenados ou com algum tipo de droga. Porventura, você deve estar se perguntando, por que eu estou viva se falei que mataram minha família? Mas caralho, se tu não consegues perceber a resposta, com certeza é um inútil, mas se sabe então sim, apenas estou viva pelo meu corpo amadurecido que sendo óbvio, estou sendo estuprada por ele e esse não vai ser o último ato de atrocidades daquele verme. Bom, deixa eu voltar um pouco na história, enquanto ainda tenho tempo e na real, não posso fazer muita coisa a não ser registrar esse

meu inferno. E ISSO NÃO É UMA HISTÓRIA INVENTADA, EU PRECISO DE AJUDA... POR FAVOR!

Meu nome é Kaori Owens, uma garota oficialmente estadunidense e que tem esse nome estranho pela mãe que assistia animes. Era dia 10 de outubro, um dia normal após as festas de fim de ano para a família Owens que constituía entre mim, meus pais e meus irmãos Mike, Alex, Trayse e Marie. Sem contar que nesse dia, meus primos Annie e Frank vieram passar as férias conosco. Pirralhos insolentes que acabaram enterrando suas próprias covas vindo pra cá, mas eu gostava deles...

Enfim, recebemos uma visita inesperada. Eu não sabia que aquele velho mendigo que Marie dizia ao nos observar várias vezes era a porra de um assassino. Sempre o ignorava e hoje não seria diferente. No meu quarto ouvindo música como sempre, um som alto da sala toca. Era as músicas country que minha mãe ouve que ao meu incômodo apenas aumentei o volume dos meus fones e ignorei, mas aquele barulho era apenas um pretexto para a vizinhança não descobrir o massacre. Depois de um tempo entediada, começo a ver um líquido vermelho passando pela minha porta. "Será que a Trayse e o Alex querendo fazer uma pegadinha com tinta de novo?" pensei, mas quem iria imaginar que viria Annie morta em frente porta com uma faca de cozinha cravada atrás de seu pescoço. Eu chutaria que foi bem na artéria vertebral pelos meus estudos para um sonho inútil de ser médica, mas de qualquer jeito quem iria sobreviver a isso? Cai de joelhos imediatamente e com minhas mãos tremulas e lágrimas no rosto gritando em desespero. Tentei colocar a minha cabeça pra funcionar e rastejei para a minha cama para pegar o meu celular e chamar a emergência, mas aquele maldito estava escondido esperando abrir aquela bendita porta. Sinto meu cabelo sendo puxando para atrás antes de eu pegar meu celular e me jogando ao chão subiu-se em cima e começou a me sufocar. A única coisa que consegui foi fazer cortes de unha em seus braços até desmaiar.

Acordei assustada, tentando saber o que estava acontecendo e no fim, já estava nesse quarto imundo e pequeno. Com um colchão velho cheio manchas com cheiro de mofo, uma janela bem minúscula, porém era muito alta pra conseguir enxergar o lado de fora. Tentei abrir a porta, mas obviamente está trancada. Levantando o colchão à procura de algo e a única coisa que encontro um pequeno diário velho e uma caneta. Porém escuto passos de alguém descendo uma escada? Escondo rapidamente os dois embaixo do colchão, antes da porta se abrir. E lá estava aquele velho com seu rosto cheio de rugas, barba e cabelos branco, calvo com aquele sorriso torto e malicioso. Ele não dizia nada, apenas largou uma pasta e fechou a porta. Pensei que porra é essa? E quando eu vi, aquele filho da puta tirou foto de toda minha família morta. Mike caído na banheira vermelha de sangue, minha mãe morta por socos e queimaduras do ferro de passar em seu rosto. Alex morto por marteladas na sua cabeça em seu quarto, Trayse morta enforcada pelo fio do nosso telefone e meu pai, Frank e Marie ajoelhados implorando pela vida e atirou neles sem misericórdia. Quanto tempo vou aguentar aqui até ele começar a me matar?

Claro que isso é pouco constrangedor descrever os detalhes de suas mortes, mas as fotos estão aí como brinde de minhas palavras. Não demorou muito para ele trazer um prato de comida com um suco de laranja com um sorriso sem dizer uma

palavra. Apenas ignorei nem encostei na comida e observando pela fresta da pequena janela conseguia ver que o sol estava se pondo, então com certeza, estava por volta das 18 ou 19 horas. Apenas esperei e tentei gritar, mas ninguém me ouvia, então peguei aquele diário sujo, para ver se tinha algo. Suas primeiras páginas estavam todas rasgadas como você também percebeu, mas consegui achar essas páginas amassadas como mais uma prova de que eu não fui a única a ficar aqui.

"Querido diário,

Hoje foi um dia estranho, quando eu sai da escola tinha um cara velho me observando, mamãe disse que era um homem que não tem casa e que poderia estar com fome. Não entendi o porque dele não ter uma casa, mas papai sempre disse que sempre temos que ajudar as pessoas, então amanhã na hora do recreio, vou pegar a minha mochila com o meu lanche vou dar a metade dele para esse moço, claro que você vai junto senhor diário, assim papai e mamãe vão ficar muito felizes por eu ajudar alguém."



Imagem gerado por uma IA.

Julgar pelos erros horríveis na escrita deve ser uma criança da idade do Alex de 6 anos que como ele já deve estar morta. Eu ouvi relatos que algumas meninas estavam desaparecendo, mas não imaginava que eu seria a próxima. Novamente escuto passos e escondo o diário, junto com aquela folha. E adivinha? Aquele carneiro abre lentamente a maldita porta. Acabei xingando aquele desgraçado resistindo, mas logo mostrou aquele sorriso asqueroso se aproximando. "Não se aproxime!" gritei, mas não pude evitar a força daquele arrombado que começou a tirar minhas roupas. "Como aquele velho era mais forte que eu?" Pensava durante a minha luta, mas já foi tarde demais. Meu corpo nu e gelado no chão daquele quarto com marcas de soco que ele dava se eu tentasse revidar... Naquela noite eu não consegui dormir e a única coisa que vem em minha mente era o nojo. Meu corpo

que era puro e foi sujo e marcado por um demônio. EU ODEIO ESSA VIDA! Gritei, me esfrego e coçando meu corpo pela visão horrenda que tenho de ter minha virgindade tomada por um velho e nojento assassino.

Eu não escrevi essa droga para me salvar. Já que na realidade eu pensei em várias maneiras em me matar, mas antes quero ter esperança de talvez ver esse cara pagar nem que seja no inferno, já que pelo meu pecado de não ter ajudado minha família... Com certeza... estou condenada e nunca vou me perdoar por isso, jamais. Espero que ainda exista justiça nesse mundo ingrato, porque daqui a uma semana se não tiver ninguém pra me socorrer vou lutar contra esse filho da puta com essa caneta e vou enfia-la em sua garganta ou no rabo, então espero que vocês me encontrem logo. Dois dias sendo abusada e provavelmente não vai ser a última. Não sei quanto tempo irei aguentar essa humilhação.

Hoje dia 14 de outubro, vou me despedir desse diário e a partir de agora esperarei uma semana, se não cometerei uma loucura. E qual meu plano? Toda vez ele traz um café da manhã com ovos e bacon e acaba deixando o prato (na realidade esse café e o almoço, são as únicas comidas que acabo me alimentando) e sai por duas horas. Vou enrolar o diário com o pequeno laço do cabelo com o bacon e lança-lo pela janela. Não tem muito movimento nessa rua, mas sempre tem alguém que passa com um cachorro perto daqui e sei que esse cheiro vai chamar atenção dele ou de algum animal por aí e espero que essa mensagem chegue inteira.

Eu não posso quebrar o prato e virar uma arma pra atacar ele, pois já tentei e aquele desgraçado me deu uma punição muito pior. Minhas unhas da mão esquerda arrancadas uma por uma. Tentarei ser uma boa garota até uma semana, mas se não vierem até lá não terei escolha...

Se eu realmente não sobreviver, diz pra tia Dorote que eu sinto muito por não proteger aqueles dois e me culpo todas as noites por isso. Diz para Jonas meu amigo nerd que ultimamente estava afastado que eu o amo e queria ter uma última oportunidade de mexer em seus cabelos loiros e te dar um beijo no seu rosto. E mesmo com o meu palavreado e besteiras de uma adolescente, espero que todos possam me perdoar e, com essa ação eu não coloque você que está lendo em risco. Obrigada e adeus...

Kaori Owens.

~~A MORTE NÃO É A MAIOR PERDA DA VIDA. A MAIOR PERDA DA VIDA É
O QUE MORRE DENTRO DE NÓS ENQUANTO VIVEMOS.~~

~~-NORMAN COUSINS.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Icon for Hire - Off With Her Head.

CAPÍTULO 10

FELIZ ANIVERSÁRIO.

Levanto-me da minha cama com os olhos arregalados. Hoje completo meus 18 anos. Finalmente, vou entrar em uma nova etapa da minha vida e espero que tenha uma fest... De repente, sou interrompido com uma ligação:

- Fala corno.

- Eai seu idoso, bora vir aqui em casa pra comemorar e venha logo. - Gritou meu melhor amigo, João. - O que você está aprontando? - Perguntei curioso.

- Para de graça e vem logo. Estou sem nada pra fazer aqui.

- Ok, até daqui a pouco. - Finalizei. Ele continua sendo o mesmo preguiçoso de sempre. Bom, melhor eu me arrumar.

- Lucas o almoço está pronto! - Gritou minha mãe com sua voz alta e delicada.

- Ok, mãe! - Desço as escadas automaticamente, após me arrumar. Sou surpreendido com a minha mãe me abraçando por trás: - Mãe?

- Parabéns meu filho. - Disse ela me beijando na bochecha, enquanto o meu irmão caçula vem me abraçando do outro lado:

- Feliz aniversário irmão!

- Oi pestinha e obrigado. Bem, cadê sua irmã e o nosso pai? - Perguntei pro meu irmão.

- Eles saíram, foram comprar algumas coisas no mercado. Por acaso, vai sair hoje? - Perguntou a minha mãe.

- Vou na casa do João, ver o que ele está aprontando.

- Ok filho, mas mande mensagem. Não é porque você fez 18 anos que não vai me avisar aonde vai, principalmente ao lado do João.

- Pode deixar.

Após me alimentar e se despedir, lentamente caminho olhando ao céu, sentindo uma brisa ao ser iluminado pelo sol radiante, alegrando o meu dia. Até um calafrio surgir sobre meu corpo como se alguém estivesse me observando, mas com uma sensação ruim. Rapidamente procuro ao meu redor esse olhar e por um breve momento... Eu podia jurar que aquele céu limpo azulado e uma rua com pouco movimento de carros, se desfigurou para um céu vermelho sangue com a rua vazia. Pisco novamente e tudo está normal novamente. Foi apenas minha imaginação? Pensei, continuando o meu trajeto, ignorando aquele acontecimento:

- Surpresa! - Olho para trás e lá está uma garota de cabelos enrolados ruivo alaranjado dando um sorriso cativante.

- Oi lasmin.

- Te assustei não foi?

- Vai sonhando. Bem, o que traz você aqui?

- Então... Eu estou encarregada de levar você ao seu passeio de aniversário, mas antes um abraço, né aniversariante? - Diz ela me puxando entre os seus braços curtos, mas calorosos.

- Quero entender primeiro o que vocês estão tramando.

- Nada disso! Além de que... o João não está mais em casa. Ele mesmo me pediu para a gente passar em certos lugares antes e eu sou a melhor pessoa para essa companhia. - Diz ela indo ao meu lado com um sorriso.

- Então, qual é o...

- Shhh! Eu não vou contar os lugares. Você vai ver quando chegarmos lá. Mas me conta como tá sendo o seu dia, 18 anos é só uma vez viu.

- Está melhor com você aqui e estou preocupado com o que vocês estão aprontando.

- Eu sou mais velha que você e mesmo assim está preocupado? - Diz ela atravessando a rua. Ao correr em minha frente conseguia ver aquele mesmo céu avermelhado novamente e no mesmo instante um carro em alta velocidade quase a alcançando.

- lasmin cuidado!!! - Gritei desesperadamente indo ao impulso para tentar salva-la, mesmo que eu seja atingido em seu lugar, mas senti alguma mão me impedindo segurando em meu braço direito fortemente. Olho para trás e é a lasmin? Olho novamente para o redor, o sinal está verde, o céu normal e se não fosse por ela eu que sofreria um acidente?

- Lucas o que deu em você? Eu que deveria pedir para ter mais cuidado. Quer cometer suicídio? - Diz ela apertando fortemente o meu braço.

- Mas como você...?

- Você está pálido. Vamos nos sentar naquela pracinha para descansar? - Apontou para os bancos a frente, onde apenas tinha algumas crianças estavam brincando ao lado:

- Ei Lucas? Me conta o que aconteceu? Ainda não está na hora de você morrer pelo menos ainda não.

- Por que está falando de morte em uma hora dessa?

- Calma Sensei, foi só uma piada e além disso, todo mundo vai morrer algum dia. É a lei da vida, não? Mas fala o que houve. Você sabe que pode contar comigo não sabe? Você almoçou?

- É... sim, eu estou bem. É que eu jurei que você ia fazer alguma besteira ou algo assim.

- Besteira? Que tipo de besteira?

- Bom, eu...

- E mudando de assunto. Para te alegrar esse é o nosso primeiro local que iria te levar de qualquer maneira, lembra? Daqui a pouco um dos seus amigos vai vim aqui. Então, enquanto esperamos posso te fazer uma pergunta bem aleatória?

- Já que tu cortou o assunto, pode sim. - Respondo respirando fundo.

- Você já parou para pensar que a nossa vida poderia ser uma ilusão?

- Uma ilusão?

- Sim seus amigos, suas atitudes, sua história e toda sua trajetória fossem um tipo de farsa e que uma das pessoas que vivem com você, fossem o seu subconsciente dizendo que tudo isso é apenas uma ilusão criada de sentimentos bons de uma vida passada ruim?

- Não, jamais. E se fosse verdade eu me imaginaria rico com a pessoa que eu amo e não teria feito tanta merda.

- Bem, se você pensa assim até que é uma boa teoria e faz sentido.

- Mas e você?

- Eu? Bom eu acredito nisso, mas não acho que eu seria a protagonista dessa história... - Protagonista dessa história? Perguntei em meus pensamentos até chegar o irmão dela com uma caixa:

- Eai corno, parabéns.

- Eai Richard e o que tem nessa caixa?

- Abre e verá. Bem eu vou indo, já fiz meu trabalho. Vejo vocês outra hora. - Diz ele saindo de fininho. Abro aquela misteriosa caixa, onde tem um bilhete dizendo "Parabéns pela sua primeira fase concluída, só não vai se alegrar demais depois de uma reunião em família" e um colar de amizade com a representação do Yin e Yang, mas apenas estava o Yin.

- Caraca, esse colar é o... - Durante a minha fala ao segurar no colar ela se transformou no Yang, mas encharcado de sangue? Olhei para a caixa em meu colo e dentro dela tinha um formato de um bebe cobertos por uma poça de sangue. Joguei imediatamente a caixa e o colar ao chão, me levantando rapidamente: - Que porra é essa!

- Está com medo...? - Perguntou lasmin com um sorriso arrepiante, com aquele mesmo cenário vermelho.

- Agora você vai me dizer que porra está acontecendo! - Me virei e segurei em seus ombros histericamente.

- Como assim? Eu perguntei se você está surpreso com o presente. O que você está fazendo Lucas? Tá me assustando... Jogou do nada a caixa e o colar no chão... Você disse pra mim que gostava de quebra-cabeça, mas não achei que fosse ficar assim. - Respondeu ela chateada e assustada, olhei ao chão e novamente tudo normal.

- Não, desculpa... Eu só estou cansado. Acho que devo ter assistido filme de terror até tarde.

- Tem certeza, sensei?

- Tenho sim, vamos continuar e qual é o nosso próximo destino? - Volto a pegar o colar com um pouco de hesitação, mas não ocorreu nada de mudança e coloquei no meu pescoço.

- Bem, é um lugar que eu nem sei nunca estive lá, ainda.

- Pera o que?

- Brincadeirinha, vamos pegar o ônibus e vamos chegar rapidinho. - Continuou lasmin dando risadas baixas, segurando meu braço guiando-me. No caminho dentro do ônibus encostado na janela, comecei a refletir sobre aquelas pequenas situações. Será que é apenas a minha imaginação? Bem, vou tentar ignorar. Finalizei ao descer do veículo indo ao lado do hospital regional da cidade em que Emanuelle namorada do Richard com o seu melhor amigo Matheus nos esperava:

- Demoraram hein? - Disse Emanuelle com um tom de entediada.

- Foi mal Manu tivemos uns contratempos. - Respondeu lasmin dando uma piscadela.

- Eai velhote. - Cumprimentou Matheus me abraçando alegre.

- Ei, eu também quero dar um abraço. - Disse Manu correndo ao meu encontro, deixando lasmin para trás. O melhor abraço que recebi.

- Obrigado galera. Ah, deixa eu adivinhar... Vocês estão com um presente misterioso.

- Nossa tu é rápido. Bem o meu presente tá aí no meio também, mas não está aqui exatamente. - Respondeu Matheus alegre.

- Como assim?

- Vem vamos entrar. Eu deixei guardado lá dentro. - Disse Manu indo a frente com a lasmin ao hospital. Ao chegar junto com o Matheus, Manu lentamente se vira com uma espécie de buquê, mas... Eu pude ver com clareza... Não é um buquê de rosas

e sim, mãos decapitadas? Olhei para o rosto dela e seu rosto começou a se deformar com um sorriso medonho sem seus olhos:

- LUCAS!!!

- Sai daqui seu demônio de merda! - Gritei indo para trás e a figura estranha começou a se aproximar até em um piscar de olhos suas mãos geladas foram entre meu pescoço sufocando-o.

- EI LUCAS ACORDA MANO! - Gritou Matheus me fazendo eu recobrar minha respiração.

- Cof, cof.

- Ei Lucas? - Pergunta Manu preocupada e todos estavam ao redor preocupados.

- Não... por favor... - Sussurrei, lentamente virando para ver novamente o rosto deformado, hesitando muitas vezes, mas ela está normal? Eu... to ficando louco.

- Aqui, eu comprei uma garrafa d'água. Relaxa eu cuido dele. - A voz calma da lasmin fez eu ter um pouco de ânimo acalmando todos que estavam ao redor, porém não consegui olhar nos olhos da Manu novamente. Apenas bebi a água e fiquei na minha, enquanto ela rapidamente conversava com os funcionários do hospital e com os dois a ponto de irem embora.

- lasmin...

- Sim? Você tá melhor? Se quiser o hospital tá bem aqui atrás de nós.

- Eu não sei que porra está acontecendo, mas...

- Ei, eu to aqui.

- Eu não sei se é a porra de um demônio me atormentando ou se é apenas uma loucura, mas desde quando eu sair de casa está acontecendo coisas estranhas e...

- Lucas... se fosse um demônio você estaria insinuando que tanto eu como todos que apareceram para comemorar seu aniversário estão possuídos e isso é muito improvável de acontecer não? E a loucura é um distúrbio mental que acontece pelo afastamento de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir. No caso, ficar isolado ou até mesmo falta de sono e isso meu amigo, você não tem.

- Então como você explica a porra que vi o dia todo?

- Olha eu não sei, não sou médica por enquanto, mas mesmo você vendo essas coisas. Isso não dá o direito de tratar os seus amigos assim. A Manu ficou aterrorizada e é seu aniversário que em vez de você ficar feliz e aproveitar, você apenas tá com raiva e descontando nos outros.

- Não é raiva, aquilo foi real.

- Eu e seus amigos não são reais por acaso? Você quase atacou o Matheus saindo eufórico daquele jeito e ainda chamou a Manu de demônio, vendo o buquê de rosas...

- Eu só quero ir pra casa...

- Seus pais não estão em casa... Eles estão aguardando você na última surpresa... Olha faz um esforço. Eu prometo que essa é a última surpresa do seu aniversário. Se eu mentir pode fazer o que quiser comigo.

- Você nunca prometeu algo.

- E agora é a primeira vez. Você confia em mim?

- Ok...

Após toda a insistência dela acabei cedendo. Pegamos um taxi e fomos até uma chácara, um pouco fora da cidade. Demorou um pouco, mas chegamos e pela demora já havia escurecido.

- Vem usa isso aqui para iluminar. - Disse lasmin me dando um pequeno isqueiro, até chegar a algumas escadas, onde ela apenas pediu para seguir sozinho para subir ao segundo andar.

- Olá?

- SUPRESA!!!! - Luzes se acenderam e todos estavam lá, amigos, vizinhos, minha família. Uma festa preparada para mim e nada de demônios.

- Finalmente, chegou seu tonto. - Disse João se aproximando, dando um abraço.

- Você que teve essa ideia?

- Olha eu vim pela festa mesmo. Foi a lasmin que falou e eu só aceitei em ajudá-la e falando nela... - Antes de finalizar João fez um sinal com o rosto e rapidamente virei e lá estava ela subindo as escadas com o bolo todo alegre iluminado.

- Me ajuda aniversariante. - Gritou ela quase saindo das escadas. Me apressei, mas ao correr senti um impulso, talvez um tropeço ou um empurrar de alguém que fez eu ir de frente com a Ingrid. Pelo corrimão conseguir me segurar, mas...

- Lucas?

Essas foram seus últimos suspiros. lasmin começou a rolar entre a escada comprida junto ao bolo. O impacto atingiu sua cabeça várias vezes abrindo uma ferida ao chegar no chão. Seu sangue amargo se misturava com o doce bolo branco e pela postura de sua queda tanto seus braços como suas pernas podem ter sido quebrados.

- Isso é apenas um sonho. Isso não é real. Ela está viva, isso foi uma pegadinha daqueles demônios como aconteceu o dia todo. - Falei me afastando da escada indo para uma das mesas ao lado. Enquanto Richard corria desesperado para ver o estado de sua irmã.

- Lucas, seu maldito. Acorda você a matou! - Gritou João indo pra cima com toda sua força a ponto de cairmos no chão perto das bebidas, dando três socos em seguida:

- Matei? Eu já falei que ela está viva. Eu a vi sendo atropelada hoje e foi uma pegadinha, eu sei que planejaram isso. - Respondi revidando os socos.

- Vai se fuder seu louco. Você tem que acordar. Eu ouvi as asneiras que tu falou para a Manu. Acorda logo. - Os socos não paravam, ele quer me matar? Isso não é mais uma encenação. Peguei uma das garrafas cheias de bebidas e taquei em sua cabeça.

- Você tá maluco? Quer me matar?

- O sujo falando do mal lavado. Ainda acredita que ela está viva? Você é doente, sempre foi... - Levantou João encharcado pela bebida.

- Não se aproxime! - Gritei pegando o isqueiro. Olhei ao redor e tudo se tornou uma tremenda escuridão. Não havia, mais ninguém, apenas eu e ele naquele lugar.

- Você não tem coragem. Olhe para mim Lucas e diz... Eu sou um demônio pra você? - Perguntou João tentando acalmar a situação, mas ligando o isqueiro, a imagem do João era de uma aberração. Seu rosto inteiro era uma boca imensa, não havia olhos, apenas várias bocas, como um Alien ou um demônio.

- Vai pro inferno, filho da puta! - Joguei o isqueiro aceso e começou. Os gritos de agonia naquele pobre garoto. Sua carne lentamente se queima pelo fogo ardente, ele corria aos berros em todos os lados provocando um incêndio no local, até cair do segundo andar.

- Como se sente? - Olhei para trás e lá está a lasmin viva.

- Eu sabia que você estava viva.

- Mesmo eu aqui mostrando tudo isso, você não pode ver né. Faz um esforço.

- O que? - Dores de cabeça perfurava minha cabeça como lâminas e imagens de mortes se espalhavam em minha mente a ponto de me ajoelhar no chão. - Para com isso!

- Vamos começar com o colar do seu amado irmão.

- Sua vadia o que é voc...?

- Shhh. Agora vou contar a história de um pobre órfão, relaxa é uma ótima história. Esse órfão era diferente dos demais e muitos o chamavam de estranho pelo seu comportamento abusivo e explosivo, mas se alegrou quando uma família finalmente o adotou. Que família linda. Uma vida perfeita só ele, seus pais e uma irmãzinha. O que poderia acontecer de ruim? Pensou o garoto, até nascer o seu irmão...

- O que você está dizendo?

- Para ver seu irmão feliz, o bravo garoto decidiu dar pra ele um colar, mas ele não tinha dinheiro para isso, então em um pequeno parque, vendo duas crianças brincando com aquele mesmo colar e os espancou para entregar os colares. E olha, quase os matou. Qual era mesmo o colar? Ah Yin e Yang... - Segurei aquele colar em meu pescoço, olhando para ele um pouco desesperado:

- Não, isso é mentira.

- O brilho de seus pais se foram ao ver as mãos do garoto machucadas e com um pouco de sangue entre suas vestimentas. Como na ficha da criança sobre suas atitudes estavam pensando seriamente em devolver a criança. Já que agora eles têm um filho que tanto queriam. O órfão, ouvindo aquilo, escondido de seus pais, foi até o quarto e sufocou o bebê com um travesseiro, durante o seu sono e graças a morte de seu irmão, conseguiu viver com sua família perfeita...

- Para... é mentira!

- Depois daquela perda, seus pais decidiram ir para outra cidade começar uma vida nova e acabou conhecendo novos amigos, mas o pobre garoto ficou doente pegando uma forte anemia e ficou internado por dias, tadinho. Nesse período ele encontrou uma garota bonitinha chamada Emanuelle e como ela fazia aquele garoto sorrir. Ele sentiu o amor pela primeira vez e decidiu que ia dizer o que sente, porém viu que ela tinha um namorado a espera.

- Richard...

- Olha tá se lembrando que belezinha. Ela dizia que está muito feliz que logo receberia alta segurando as rosas que recebeu dele, mas o órfão não gostou da notícia. Então, enquanto ela estava medicada sem ninguém por perto pegou uma seringa e colocou um medicamento em seu soro até que ela começou a entrar em convulsão. O garoto correu e chamou a todos pelo incidente, mostrando inocência pelo ocorrido...

- Ela está m...

- No seu enterro aquele pobre órfão jogou lindas rosas vermelhas pela tristeza que sentia da garota que amava. Até que conheceu seu melhor amigo, um garoto antissocial que vivia preso em casa jogando videogame. Passou-se um tempinho e aquele garoto decidiu contar sobre seus horrores que cometeu, mas seu amigo não gostou da ideia. "Isso é zuera né?" Perguntou ele, mas o que acabou com a mensagem foi a sua resposta. Você lembra?



Imagem retirado do Pinterest.

- Para... eu... não quis... eu... eu...
- Qual foi sua resposta Lucas?
- Eu... não fiz isso...
- Você disse que era um ceifador e que todas suas vítimas eram demônios em busca de redenção. Quando seu amigo decidiu fugir você tacou fogo nele e queimou sua casa, enquanto estavam sozinhos lembra?
- EU NÃO FIZ NADA! HOJE É MEU ANIVERSÁRIO E TODOS ESTÃO FELIZES COM A MINHA FESTA. O JOÃO, A MANU, O MATHEUS, TODOS VÃO ESTAR LÁ E VOCÊ TAMBÉM!
- Coloca a camisa de força de novo...
- VAMOS A UM PASSEIO NOVAMENTE? QUAL É O PRESENTE SURPRESA HEIN IASMIN? EU QUERO MINHA FESTA COM TODOS SE DIVERTINDO HÁ! HÁ! HÁ!
- Se você parasse com essa fantasia... Você poderia finalmente pagar por tudo que fez... Lucas...

~~SEU SANGUE PELOS MEUS DEDOS ME TRAZ PAZ ... TE TORTURAR ME FAZ
ENLOUQUECER AINDA MAIS...~~

~~— PSICOPATA WHO.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Melanie Martinez – VOID.

CAPÍTULO 11

A VERDADEIRA FACE DO AMOR.

Qual é o real significado do amor? Se pesquisar ou perguntar para alguém. Sempre terá uma resposta diferente e nada que completa o seu verdadeiro significado. Porventura, no fim, se trata de um sentimento forte de afeto a algo, mas com a variação dos tipos diferentes do amor. Mas já pararam para pensar se você realmente ama essa pessoa que está ao seu lado? Independentemente do que vão dizer ou pensar sobre. Você lutaria por esse amor? Mesmo sabendo a sua verdadeira face? Já ouvi vários relatos sobre romance, mas o meu é completamente impossível de ser concretizado.

- Classe hoje temos um aluno novo, por que não se apresente?

Ao ouvir as palavras da professora vejo um garoto com seus cabelos castanhos claros enrolados se aproximar na frente da sala.

- Olá pessoal, o meu nome é Geovane e estou muito contente por estar aqui e espero que a gente se dê bem. - Lentamente seus olhos verdes se encontra aos meus com um sorriso em seu rosto, mas que sensação é essa em meu peito?

- Pode se sentar no fundo e vamos ver... Harry, depois você poderia mostrar a escola para o novo aluno?

- Ah, sim. - Respondo voltando ao foco. Realmente esse aluno despertou meu interesse para eu ficar distraído. Duas aulas se passaram rapidamente, chegando o momento da demonstração. Perto dele consegui analisar sua estrutura física atentamente: magro de cor parda, alto com uma postura perfeita e...

- Sou tão bonito assim para você ficar me encarando desse jeito? - Perguntou Geovane, andando com suas mãos para trás e se agachando com o rosto quase colado ao meu.

- O que? N... não é nada disso. Ge... Geovane você está muito perto. - Respondi rapidamente empurrando-o, com o rosto um pouco corado.

- É para te enxergar melhor! Hi, hi, hi, mas relaxa eu não sou um lobo mal, não mordo não... - Respondeu dando risadas altas e depois sorrateiramente sussurrou. - A não ser que você queira...

- O que? - Perguntei com dúvidas. Não consegui ouvir com clareza a sua última frase.

- Ah nada não. Só estou com fome mesmo. Onde é o refeitório?

- Bem, é virando o corredor, daqui a pouco toca o sinal para o intervalo.

- Então, bora pro rango encher o bucho! - Disse Geovane animado segurando o meu pulso, puxando-o e me forçando a correr ao seu lado.

- Ei, calma...

- E Harry me chama só de Ge, somos amigos agora, não? - Respondeu com um sorriso honesto. Aquele gesto com suas mãos foi um sentimento de tranquilidade em meu peito. Um amigo..., mas não vai demorar muito para ele se afastar como o resto da turma, por aquele único motivo... Meu interesse romântico.

Ao voltarmos para sala, ele se tornou uma celebridade. As meninas alegres e curiosas se encheram ao seu redor. Ao contrário desse aluno novo todo alegre, extrovertido e extremamente bonito fazendo sucesso. Eu sou apenas um nerd, introvertido que prefere ficar sozinho em meu mundo, mas o meu senso de ficar isolado não veio por mim e sim, pela turma não concordar por ser homossexual. Por isso, sua afirmação de "...somos amigos." vai ser tornar um desprezo.

Passou-se uma, duas, três semanas e nada de se afastar de mim. Pelo contrário, ele só ficava do meu lado, puxava assunto, me escolhia para atividades em dupla até mesmo deixava de sair com seus amigos para ficar ao meu lado, mas por quê? Ele deveria estar longe de mim, já que com toda certeza devem ter fofocado, mas... por quê?

- Ei Harry, eu trouxe bolo de chocolate. A doninha deu dois pedaços a mais para mim, já que sempre sou o primeiro da fila e...

- Por que...?

- Hã? - Perguntou Geovane confuso segurando os dois pedaços de bolo. Estávamos em um dos cantos isolados da escola, onde geralmente eu fico no intervalo.

- Por que você está sendo tão legal comigo?

- Porque você é meu amigo. Que pergunta mais tonta.

- Não brinque comigo! A nossa sala já deve ter falado sobre eu ser homossexual. Já passei por muita coisa, principalmente por me manipularem dizendo que me amavam, mas me esfaquearam por trás, então não venha com essa!

- Harry...

- Já tive vários problemas. E não quero que você seja mais um.

- Eu não vejo isso como um problema... até fiquei aliviado de saber disso.

- O que?

- Harry eu também sou gay.

- Não venha com essas mentiras.

- Quer que eu prove? - Geovane, rapidamente se aproxima roubando um beijo inesperado. Lentamente o tempo ao redor se tornou devagar e caloroso. Me

deixando sem palavras. - Olha posso parecer um rapaz famoso com as garotas, mas não me sinto atraído por elas.

- Você n... não devia fazer isso!

- Quando eu cheguei aqui, já percebi o seu olhar... e o quanto você sofre com o bullying e perseguição por ser quem você é. E já passei por isso, porém ao contrário de você que se esconde... Eu prefiro... ser eu mesmo e não vou mudar isso.

- Você não entende, ainda as pessoas não aceitam isso aqui.

- Tem razão... Bom, talvez aqui na escola, talvez em público, mas isso não quer dizer que não posso ter afeto de um homem no secreto. - Ao ouvir essas palavras, hesitei pelo medo de continuar, mas ele não estava errado, mas...

- Se descobrirem, você vai sofrer também... Podem fazer pior com você.

- Você está preocupado? Que fofo. - Respondeu Geovane dando risadas alegres se levantando e me deixando sozinho. - Você decide. Se quiser eu vou embora. Vou fingir que nada disso aconteceu ou posso ficar quantas vezes você quiser. E não demore muito para pensar. Não gosto de garoto indeciso.

- Eu... - Estou hesitando. É só pedir para ele ir embora, mas...

- Não precisa se esforçar para falar... - Fez um sinal acenando e indo embora.

Aquele beijo foi pra valer? Mesmo ele andando com todos, principalmente com aqueles que me fazem tanto mal. Ele deu um beijo. O meu... primeiro beijo. Como ele não tem medo? Ainda não vivemos em um mundo, onde todos concordem ou pelo menos respeitem nossos sentimentos. Eu não fico aborrecido com os seus pensamentos, geralmente é feita pela religião e está tudo bem... Eu não vou contradizer a palavra sábia de alguém importante para a fé das pessoas, porém não consigo evitar o que sinto. Talvez em um futuro, existe várias pessoas que pensam desse modo, não que fazem protesto ou invertam as coisas envolvendo a religião, mas vivam suas vidas como querem... E para isso, talvez eu precise:

- Geovane! Eu... - Geovane para e olha confuso. Balancei a cabeça afirmando. - Eu quero vo..!

- Shhhh! - Disse Harry fazendo sinal de silêncio dando um sorriso e risadas, voltando ao meu lado. - Não preciso de uma declaração em público.

Passaram-se os dias de outono, unidos. Saímos sempre escondidos e ficamos várias vezes, como um amor secreto de Romeu e Julieta. Eram momentos únicos, saindo, se divertindo. Para as pessoas ao nosso redor era como melhores amigos, mas entre as escondidas era dois namorados apaixonados. Porém, nem tudo é o mar de rosas, até chegar o inverno. A neve preenchendo sobre o piso em nossos pés com pequenos flocos de neve sobrevoando nossos rostos. Claro, não dava para enganar a todos e ao finalizar a primeira aula, um grupo de 4 alunos. Os supostos representantes e que me causam tanta dor, nos impediu de sair:

- É verdade Geovane? Você está ficando com aquele nerd? - Perguntou Jéssica apontando para mim.

- E se eu tiver? Qual é o problema?

- Geovane...!?

- Ei cala boca o nerd. - Afirmou um dos valentões Jeff.

- Você admite mesmo que está indo contra a tudo aqui? - Perguntou Leonardo indignado.

- Sim, pera... Eu estraguei tudo, não foi? Vocês queriam que eu bancasse o idiota? Que xingasse o pobre do garoto só por ser diferente né? É... eu não fui feito para bancar esse papel de ator. - Afirmou Geovane ironicamente.

- Seu canalha! prefere um idiota magrelo... do que uma mulher gostosa. -- Respondeu Josef.

- Já entendi... você tem muita fama com as mulheres... Entrar em um relacionamento assim com um... Enfim, é tudo culpa sua Harry. Influenciar um homem pelo contado próximo é bem sua cara. Além de espalhar calúnia sobre nós? Que decepção. Termine o relacionamento com o Geovane agora, se não, você já sabe.

- Cala a porra da boca, Leonardo! Por que está metendo o Harry no meio? Eu que pedir para entrar em um relacionamento. Eu já era gay, antes mesmo de conhecê-lo e prefiro muito mais a ficar com homens sexy do que mulheres vadias.

- O que? - Perguntou Jéssica chocada com o insulto de suas palavras.

- Se querem fazer algo, tem que cuidar de mim primeiro. Eu sou assim e ninguém vai mudar minha decisão. Eu valorizo o Harry como meu homem e o amo.

- O que estão fazendo aqui. Já passou do horário. Se ficarem mais tempo vão pegar uma tempestade. - Interrompeu a professora a ouvir a gritaria, parece que ela não ouviu a confissão de Geovane. Porém, foi na hora certa para acabar com aquela situação.

- Amanhã você vai ver. - Resmungou Leonardo, saindo com os outros.

Ao caminho de minha casa. Meus pensamentos martelavam sem parar. Por minha causa o Geovane está em perigo e ele estava alegre falando de coisas aleatórias como se nada tivesse acontecido:

- Geovane, você é idiota, agora todos vão ir pra cima de você. - Meu peito dói sob o peso daquele conflito.

- Você fica fofo quando está irritado.

- Eu estou falando sério dessa vez. Eu estou com um mal pressentimento...

- Vão fazer o que? Me matar? Ei, você sofreu todo o tipo de maldade, não vou deixar você carregar isso sozinho. Agora vai e não se preocupe. Logo essas coisas

vão acalmar. - Me deu um pequeno beijo gelado em minha testa e me empurrou para longe fazendo-me andar mais rápido. Apenas concordei, mas sabe aquela sensação de que algo desagradável pode acontecer? Exatamente isso que está em meu peito.

Outro dia amanhece e decidi chegar mais cedo pela minha preocupação com o Geovane, mas ao chegar na escola, percebo Geovane indo ao caminho contrário junto com aquele grupo novamente. Comecei a segui-los sorrateiramente. Eles entraram em um prédio abandonado e um deles ficou de vigia na porta. Será que devo entrar? Não, será arriscado, melhor eu esperar alguns minutos e ver se ele sai dali. Minutos se passam rapidamente e comecei a ouvir gritos, o garoto vigia decidiu averiguar entrando no edifício e não esperei duas vezes. Comecei a subir as escadas, porém em uma das janelas, onde me encontrava, uma figura rapidamente caiu diante de meus olhos trazendo consigo um som estrondoso da queda, mas um pouco abafado pela neve que se tornava vermelha ao seu redor. Me aproximei pela janela e ao olha de cima, meus olhos se encheram de lágrimas. É... o...:

- GEOVANE! - Dei um grito desesperado descendo as escadas. Geovane tinha caído do terraço de costas, conseguia ver aqueles lindos olhos verdes trazendo destaque junto ao sangue ao seu redor. Me ajoelho na neve aflito, tampando minha boca pelo horror de ver a pessoa que amo morta, não consigo acreditar nessa cena.

- Ei garoto. Se contar para alguém sobre isso. Va... vamos fazer o mesmo com você. - Disse Jéssica, ofegante com um teor de medo, encostando suas mãos em meu ombro. Acabei tomando um susto misturado de medo e tristeza percorrendo em minha pele. Não tinha imaginado que chegariam a esse ponto e isso é tudo culpa minha. Jéssica percebendo que não só eu, mas todos estavam aflitos, recuperou sua verdadeira face de autoritária: - O que vocês estão fazendo? Logo alguém aparece e temos aula. Cobre logo com a neve, antes que alguém perceba. E você vai enxugar seu rosto. - Me levantei com as pernas bambas, Leonardo acabou me ajudando, mas me separei bruscamente de suas "boas" ações:

- Vocês o mataram... Eu não pre...! - Parei no momento que olhei em seu rosto pálido, confuso e perdido ajustando seus óculos com mãos tremulas. O que aconteceu lá? Quem se importa? Agora já é tarde... Será que agora é bom momento de eu desistir da minha vida? Eu...

- Harry? Você está bem? Está pálido. - Perguntou a professora preocupada. Já estávamos no final da aula e eu estava perdido em meus pensamentos.

- Eu... - Hesitei olhando para os vários olhares em minha direção. - Eu estou bem professora.

- Então tudo bem. Ah como você é um grande amigo do Geovane avisa para ele não faltar amanhã, começaremos a fazer os grupos para o trabalho em sala. - Geovane... Essas palavras ecoaram com uma tristeza em meu coração e tentei me conter com as lágrimas. Eu tinha tanta coisa para fazer e dizer... Eu nem conheci sua família, sua casa... e agora...

- Ei o nerd. É bom você aparecer nos próximos dias e nenhum piu.

Qual é o sentido de eu ir às aulas? Depois de saber que dentro da minha própria turma tem assassinos... e que eu nunca mais viria o Geovane. Não é mais fácil eu sumir da vida de todos? Se eu contar eles me matam, se eu não falar eu vou morrer por dentro... Se fosse eu no lugar do Geovane talvez ele... ele... Lágrimas caíam a caminho de casa. O que eu posso fazer? Já decidi, eu... vou contar amanhã. Pelo Geovane.

O dia amanhece. Eu não consigo ter aquele mesmo ânimo de chegar cedo, mas é claro que todos, principalmente aqueles de mãos sujas estavam lá:

- Bom dia Alunos! Vamos começar a aula e nos organizar para a formação dos grupos, mas o Geovane não chegou?

- Então... professora ele...

- Opa. Quase perdi a hora. - Todos os olhares foram guiados pela voz familiar na entrada da sala. - Ge...

- É a primeira vez que se atrasa. Está melhor? Leonardo disse que estava doente. - Perguntou a professora. Todos estão chocados como se estivesse visto um fantasma, mas o que esperava? Ele estava morto e aparece no outro dia como se nada tivesse acontecido?

- Ah ele que falou isso? É que foi só uma tontura vindo pra cá, mas estou melhor.

- Geovane...? - Minhas palavras não saem, sinto um calafrio extenso e ao mesmo tempo uma pequena felicidade.

- Entendo. Então alunos. Podem formar os grupos. Grupo de até 6 pessoas.

- Então, já que estou aqui, pode colocar eu, o Harry, Jéssica, Leonardo e aqueles dois grandes ali. Eu sempre confundo os nomes.

- Tudo bem, Josef e Jeff anotados. Já pode se assentar. - Finalizou a professora, mas os outros alunos citados não conseguiram responder. Estão estáticos e com medo sobre o que fizeram com ele. Que porra está havendo aqui?

No final da aula:

- Geovane você está bem? De verdade? É você mesmo?

- E por que eu não seria? Você está estranho. Ah e todos vocês do nosso grupo, vamos para a minha casa e começar esse trabalho logo. Nunca se sabe o que pode acontecer, não é?

- Olha... eu tenho que cuidar das... das minhas unhas. - Respondeu Jéssica se afastando junto com todos os outros, saindo de fininho virando de costa diante de nós dois.

- Vão ir embora depois de tudo o que aconteceu? - Todos pararam congelados pelas palavras, até Geovane parecer descontraído abraçando por trás. - Qual é? Não vai me deixar na mão. Não queremos ter muitas "quedas" de nota. Entendeu? -

Finalizou abraçando Leonardo e Jéssica dando risadas altas. O que está acontecendo?

- Ok... é... podemos ficar só um pouco, não é gente? - Respondeu Leonardo, enquanto todos concordavam, engolindo seco suas palavras.

- Você vem Harry? - Corri atrás dele, mas estava hesitando. Como alguém que caiu de uma queda tão alta como aquela, sobreviveu, sem contar que foi enterrado pela neve gelada e o pior que está sem nenhum ferimento? Porém, o mais é estranho nisso é que... Ele nunca me falou, onde ele mora. Nunca me levou para lá e agora quer levar eles...? - Hoje meus pais não estão em casa, mas minha mãe preparou alguns doces e deixou separado para a gente comer.

- Ah... sério. Que bom... Ge você tem certeza de que está bem?

- Eu já falei, eu estou bem, melhor do que nunca. Só com um pouco de fome a mais que o normal, então vamos nos apressar, né pessoal? - Respondeu Geovane animado, mas ainda assim, para mim ele me parece estranho. Andando um pouco longe da cidade entre o bosque tinha uma casa de madeira, mas parece que está começado a anoitecer.

- Já está anoitecendo. - Disse Josef.

- Relaxa, aqui parece que anoitece por causa das árvores. Ainda falta uma hora por aí. Então vamos entrando.

- Essa é a sua casa? Que espelunca. - Disse Jéssica observando-a.

- Ela é bem rústica, você quis dizer. - Respondeu Leonardo nervoso.

O vento gelado assoprava entre meu rosto rente a porta, paraliso pela bela vista da casa de Geovane. Uma casa pequena como de um pequeno chalé de meus avós, só que mais velha. Trazia um pouco de arrepio, porém uma pequena nostalgia. Até para iluminar a casa tem um próprio gerador. Quem diria que teria uma casa assim e que seria, onde meu namorado mora. Ao entrar, a casa não tinha nada de anormal apenas simples até demais:

- Não fica frio aqui nessa casa sendo toda de madeira? - Perguntou Jeff.

- Nem tudo é de madeira aqui. Bem, chega de perguntas tontas. Vamos ao meu quarto, lá em cima. - Respondeu Geovane seco, mas voltando ao seu estado animado indicando as escadas.

- Onde fica o banheiro? - Perguntou Leonardo.

- Segue o corredor e vire à direita. Vou levar o resto para o quarto. - Leonardo apenas confirmou sumindo de vista, enquanto todos subiam nas escadas, mas.... - Harry fica aqui, eu preciso que você me ajude com os lanchinhos ok?

- Está bem... - Eu realmente estava curioso de ver o seu quarto, mas não demorou muito para ele voltar.

- Harry, quero te mostrar uma coisa antes. - Andávamos pelo corredor passando pelo banheiro, onde em frente tinha um quarto um pouco empoeirado, mas havia alguns lanches e velas acesas, iluminando o local. - Você confia em mim?

- Claro que eu confio e sei que está escondendo algo. O que você tem e por que estamos aqui?

- Você me conhece tão bem... Se você me ama vai me entender. Não importa o barulho. Não tente sair desse quarto, ignore tudo.

- Do que você está...?

- Desculpa. - Disse Geovane me empurrando e fechando a porta, me deixando. Antes de fechar conseguia ver seus olhos com um anseio de preocupação e medo.

- Ei Geovane o que você está fazendo? Que brincadeira sem graça. - Bati um pouco a porta de leve. ao ouvir a tranca da porta.

- Me escuta, só fica quieto, por favor. - Me calei, engolindo seco suas palavras. - É uma surpresa que preparei, seu bobo. Só vou trancá-lo para garantir que você não saia. - Ele está mentindo, mas será que esse pedido era um aviso de algo ruim? Ou ele quer me proteger. Não posso me precipitar, vou esperar e ver o que acontece, mas sinto um pressentimento ruim... Naquele quarto não consigo escutar muito o que acontece lá fora, porém dava para ouvir claramente o gerador. Colando a cabeça entre a porta em busca de algo, consegui ouvir algum som de algo se quebrando, lembra os estalos que geralmente faço com os dedos. Entretanto o gerador parou, causando um silêncio ecoava junto a escuridão que apareceu rapidamente ao redor. Apenas aquelas velas entre o quarto, me fazia enxergar algo. Até o som de passos e da tranca me animaram:

- Finalmente...

- Shhhh... - Era o Leonardo, suando frio. Me empurrando e fechando a porta.

- Leonardo o que você está fazendo aqui?

- Cala a porra da boca e vamos fugir daqui, agora. - Sussurrou.

- Como assim? Cadê o Geovane?

- Aquilo não é o Geovane.

- Me explica logo de uma vez. O que está acontecendo?

- Não temos tempo pra isso, porra.

- Escuta aqui eu não vou embora com um assassino a não ser que me conte direito o que está havendo.

- Pare de me chamar da porra de um assassino. Ele que se jogou da laje...

- Como assim...?

- Estávamos implicando normalmente como fazemos sempre com você e partimos em uma pequena briga, mas ele simplesmente se afastou e se jogou ok? É isso,

mas não é o importante agora. Eu ouvi a conversa de vocês dois, enquanto estava no banheiro, mas eu apenas esperei em vez de sair e ir direto para o quarto. Quando o Geovane estava indo embora abrir lentamente a porta e... o Geovane começou a se contorcer... Ele começou a crescer... Ele... Ele...

- O que você está...?

- Ahhhhhhhhhh!!! - O grito de Jéssica causou um pânico em todos. Som de passos desesperados no andar de cima e finalizando com as portas se fechando bruscamente. Aproveito a chance e saio do quarto procurando o som estrondoso do grito agudo da garota, mas a escuridão me impedia de dar algum passo. Passando do corredor e chegando à sala, havia uma pequena claridade vinda pela janela. "Se esconde!" Um sussurro de Leonardo me eleva a procurar um esconderijo, mesmo sem entender o que está havendo. Corro para baixo da escada rapidamente até um barulho estrondoso de algo se espatifando ao chão cair ao meu lado. Mesmo escondido ergo minha cabeça sem sair do lugar tentando enxergar no meio da escuridão. Um feixe de claridade envolvida pela lua entrava ao ambiente até a tal figura estranha que havia caído. Como de um palco com os holofotes ao centro, uma imagem horrivelmente grotesca está diante aos meus olhos. O quadril para baixo de um corpo. Pelas roupas conseguia identificar que são os órgãos de Jéssica estilhaçados, acompanhados por uma poça de sangue. Tampei minha boca, antes que o enjoo viesse percorrer sob minha garganta.

- Cadê vocês? - Era a voz do Geovane, mas parece diferente, como se houvesse mais uma voz sobre ela. Uma voz grossa, sagaz e aterrorizante. Escuto som de passos grossos e pesados no andar de cima. Um calafrio percorre a cada som opressivo que ouvia junto a um pequeno rosnado.

- Vai pro inferno! - Sussurrou Jeff. O som forte de arrombamento do andar de cima assustou a todos e um rugido ecoou em todo ambiente. Tento olhar para fora da escada e observo Leonardo atravessando a sala. Aonde ele está indo? - Ahhhhhhhhhh! - O som do Jeff foi alertado junto ao terror apto do som de ossos se quebrando e não era algo instantâneo. Não era apenas uma animal caçando, mas sim, brincando com sua presa. Durante aqueles gritos insistentes, tampo meus ouvidos tentando abafar o som, porém um som pequeno com um teor de nitidez ecoa bem próximo de mim, sendo de algo líquido sendo jogado ao chão me surpreendendo.

- Leonardo? - Sussurrei quase sem voz. Ele estava aproveitando a situação, jogando álcool pelo chão da sala, porém... O ranger de um degrau do andar de cima ecoou. O som de ossos a se partir finalizou com o último suspiro de Jeff, transbordando um grotesco eco dentro do corredor, antes de um breve silêncio preencher o lugar. Josef paralisou ainda com os pés entre os primeiros degraus observando o corredor em silêncio. Observando uma pequena silhueta de algo se movendo em sua direção, desceu rapidamente das escadas, produzindo o som forte de seus passos pesados entre a madeira velha daquele arquitetônico. Leonardo largou a garrafa de álcool e se escondeu rapidamente:

- JÁ VAI EMBORA? SEM DIZER ADEUS? - Disse a voz berrante pulando em cima de Josef que caiu da escada e consciente lutava pela sua vida em meio as mãos daquela aberração.

Apenas observei aquela situação egocêntrica. Talvez eu seja apenas um medroso por ver a terceira pessoa ser morta por aquele monstro. O que mais eu devesse fazer? Se o que Leonardo falou for verdade esse monstro poderia ser... Não chamais. Não tem como o Geovane ser um monstro desse. Falando nele será que ele está vivo? Minhas mãos estão tremulas e geladas. Eu preciso tentar fazer alguma coisa, mas o quê?

- GRRRRR...!!! - Um som de um grunhido de raiva e dor ecoou daquele monstro. Leonardo com uma faca conseguiu fincar em sua costa, fazendo-o soltar Josef que apenas tossia repetidamente pelo sufocamento.

- Josef corre! - Gritou Leonardo até ser atingido pelas garras daquele monstro que rascou suas vestes e fez marcas imensas em seu estomago.

- SEU FILHO DA PUTA!!! - Gritou o monstro tirando a faca de sua costa e acertando Josef que estava atordoado pela falta de ar. - VOCÊ É UM VERME DESPRESIVEL!

- Vai pro inferno onde é o seu lugar seu desgraçado! - Respondeu Leonardo com um sorriso debochado com sangue escorrendo de sua boca junto a suas vestes. Preciso fazer algo. Não pelo Leonardo, mas aquela conversa. Ele poderia estar dizendo a verdade e se aquele monstro for mesmo o Geovane. Eu preciso pará-lo:

- Geovane!? - O monstro parou. Virando grotescamente para mim. - É você mesmo??

- O QUE ESTÁ... fazendo aqui? - Sua voz que era grossa como uma fera voltou ao normal.

- Deixa eu ver você. Vá para luz.

- Não, NÃO OLHE PRA MIM. ERA PRA VOCÊ FICAR NA PORRA DO QUARTO! - Gritou o monstro hesitando com raiva segurando o Leonardo que ainda continuava vivo.

- Eu sei que é você. Deixa-me vê-lo direito. Por favor. - Soltando Leonardo caindo ao chão ainda sangrando, lentamente foi para o feixe de luz mais forte mostrando sua aparência aterrorizante. Seu corpo estava maior chutaria uns 3 metros de altura, magro conseguindo ver com clareza o formato de seus ossos junto a pele que continha uma cor escurecida como se estivesse apodrecida. Seu rosto estava desfigurando e seus olhos possui um excesso de pele nas pálpebras que brilhavam pela visão noturna que claramente possui. Sua boca era extensa com dentes e garras afiados enxarcado de sangue em seu corpo. Meus olhos enxarcam de lágrimas me fazendo virar o rosto de horror.

- Não gostou do que vê? Eu disse para não olhar..., mas posso ser o mesmo de antes. - Ossos ressoaram com toques grotescos, não demorando mundo para voltar

a ser o Geovane que eu conheço, porém nu acompanhado por sangue em sua boca e mãos. - Viu só, sou eu de novo.

- Para! Por que voltar a ser aquele garoto? Esse não é você de verdade.

- Mas é isso que você espera que eu seja. Deixa-me adivinhar. Agora você só consegue me ver como um monstro. Porém eu estou aqui e fiz isso por você.

- Eu não pedi para ser salvo! Para de sempre falar por mim como se soubesse o que eu sinto. Eu nunca disse que você é um monstro... Eu só quero que você pare...

- Eu olhei para ele ainda chorando. - Eu só quero que isso acabe... e... que possamos resolver essa história... juntos.

- Juntos...? - Sussurrou Geovane com um pequeno sorriso surpreso, porém uma luz amarelada correu cobrindo toda a sala. Leonardo em seus últimos momentos conseguiu acender um isqueiro e utilizando o álcool que tinha espalhado ao chão em poucos segundos a casa se tornou em chamas.

Chamas altas junto a uma pequena explosão na cozinha piorou a situação. Não tinha percebido o cheiro do gás saindo pela cozinha. Leonardo estava planejando queimar a casa desde o começo, mesmo com a minha intervenção. Não afetaria a inevitável explosão que iria acontecer. O impacto com a casa caindo aos pedaços prejudicou minhas pernas que ficaram presa entre os estrondos de madeira e gesso da casa. O fogo queimava o nosso redor e apenas ouvia os gritos agoniantes de Geovane com sons ferozes de um animal aflito pela dor.

- Geovane!? - Gritei, mas nenhuma resposta. A fumaça negra poluía meu pulmão trazendo irritação e inflamação na garganta, apenas impulsionando tosses secas em busca de líquido ou um ar denso. Sinto o meu corpo aquecer a cada milímetro de segundo com queimaduras tanto nas vias aéreas como fora de meu corpo. Talvez esse seja o momento que esperava esse tempo todo. Me fazendo refletir novamente aquelas perguntas iniciais que foram ditas para mim em um dos meus momentos de alegria:

- Harry, qual é o real significado do amor? - Perguntou Geovane entre o final de outono apreciando as folhas caírem lentamente.

- Que pergunta estranha é essa Geovane?

- É que já faz um tempo que estamos assim... E é só pra passar o tempo. Se acha que se eu fosse uma aberração me amaria? Como nos filmes em que vampiros mostram suas verdadeiras presas no final. Ainda ficaria comigo? - Perguntou novamente Geovane. Nós estávamos sentados em um parque rural isolados aproveitando nossas casquinhas de sorvete, apreciando a vista. Apesar das zoeiras eu sentia aquelas perguntas como um gatilho de alguém realmente em busca de uma resposta sincera.

- Você que veio até mim e me permitiu que eu me apaixonasse por você. Ge, você me fez enxergar o quanto eu sou valorizado do jeito que eu sou e... não importa o meu jeito covarde de resolver as coisas. Não importa se você tiver uma doença

tenebrosa ou ser um vampiro que seria muito improvável. Qualquer problema vamos resolver isso... juntos.

- Juntos...? É... tem razão.

Por que será que me lembrei de uma conversa tão boba como essa? Será meus últimos momentos de vida? Ou poderá ser um pontapé para eu seguir em frente? Bem, independente do que acontecer agora andarei com a cabeça erguida

- Não é Geovane?

- Sim, Harry. Um adeus ou em um belo reencontro. Resolveremos e viveremos juntos.

~~TODOS VÊEM O QUE VOCÊ PARECE SER, MAS POUCOS SABEM O QUE VOCÊ
REALMENTE É.~~

~~—MAQUIAVEL.~~

INSPIRAÇÃO NA MÚSICA: Meet the frownies (Mr Twin Sister) x lovely baste
(YATASHIGANG, ZWEIHVNDXR).